



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E  
INTEGRAÇÃO**

**A EXPERIÊNCIA ULTRADIREITISTA DO GOVERNO TRUMP:  
UMA RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA, IDEOLOGIA E NEGACIONISMO DA  
CIÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19**

**Fhrans Sales Gonçalves Alves**

Foz do Iguaçu

2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO  
DE ECONOMIA, SOCIEDADE E  
POLÍTICA**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E  
INTEGRAÇÃO**

**A EXPERIÊNCIA ULTRADIREITISTA DO GOVERNO TRUMP:  
UMA RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA, IDEOLOGIA E NEGACIONISMO DA  
CIÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19**

**Fhrans Sales Gonçalves Alves**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política (ILAESP) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração

Orientadora: Profa. Dra. Renata Peixoto de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Tatiana Teixeira

Foz do Iguaçu

2022

FHRANS SALES GONÇALVES ALVES

**A EXPERIÊNCIA ULTRADIREITISTA DO GOVERNO TRUMP: UMA RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA, IDEOLOGIA E DESVALORIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino- Americano de Economia, Sociedade e Política (ILAESP) da Universidade Federal da Integração Latino- Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Renata Peixoto de  
Oliveira  
UNILA

---

Coorientadora: Profa. Dra. Tatiana Teixeira  
UFRJ

---

Profa. Dra. Tereza Spyer Dulci  
UNILA

---

Prof. Dr. Roberto Moll Neto  
Universidade Federal Fluminense

Foz do Iguaçu, 30 de março de 2022.

Dedico este trabalho a minha avó Maria Noêmia Alves, quem sempre se preocupou com a educação dos filhos e sempre via com muita bondade e esperança os netos.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, Rita e Francisco, que desde minha infância me ensinaram a importância do afeto com o próximo, que muitos anos depois descobriser empatia, por demonstrarem a importância da cultura e por plantarem em mim a semente da preocupação com o campo social. Às minhas irmãs, Giovanna e Heloísa, por me ensinarem a viver aventuras, a demonstrar quem eu sou e assim viver uma vida própria. Às minhas avós, Noêmia e Robertina que sempre estiveram presentes e nutrem grande carinho por todos nós. A meus primos, tios e a minha bisavó Dona Ana, que abençoou a todos.

Aos meus amigos que me acompanham desde antes de meu ingresso acadêmico, em especial Ana Clara, e também àqueles irmãos que ganhei na UNILA, Fernanda, Nádia, Lis, Eduarda, Tomás, Aruanã, Gabriela, Jonathan e Abiane, extraño meu cotidiano ao lado de vocês e meu carinho se estende aonde estiverem. Aos meus amigos que ganhei durante a pandemia e que o contato virtual aliviou o andor do adaptar-se ao novo cotidiano.

Agradecimento a toda comunidade unileira, a essa universidade incrível que me acolheu desde 2017 e me proporcionou experiências únicas de vida . Onde pude ter uma trajetória que compreendeu as áreas de pesquisa, extensão e até mesmo de mobilidade acadêmica no exterior (Te quiero siempre Colombia). Ao corpo docente que ao longo destes cinco anos sempre foram muito compreensíveis e incutiram em mim a vontade de seguir pesquisando e a sede de tentar entender cada vez mais as políticas que permeiam nosso dia a dia.

Agradeço a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Peixoto de Oliveira que lecionou a disciplina Teoria Política Contemporânea para mim em 2018, despertou minha curiosidade para o que chamamos de democracia e aceitou embarcar na jornada que resultou nesta pesquisa comigo, a quem tenho um grande apreço e admiração.

Agradeço também a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiana Teixeira que apesar de não me conhecer pessoalmente sempre me tratou com muita cordialidade e disposição de ajudar. Por contribuir imensamente com minha pesquisa e nutrir amizade.

Finalmente gostaria de reforçar o muito obrigado a senhora Maria Noêmia Alves, minha avó paterna, que sempre tratou a todos com muito respeito e cuja história de superação e sobretudo independência e bondade inspira e dá forças no meu cotidiano, que apesar de não conseguir ver o neto se graduar esteve sempre presente nos momentos importantes da minha vida e a quem sempre levarei no coração.

*“Democracia é a forma de governo em que o povo imagina estar no poder”*  
**Carlos Drummond de Andrade**

ALVES, Frans. S. G. **A experiência ultradireitista do governo Trump: UMARELAÇÃO ENTRE POLÍTICA, IDEOLOGIA E DESVALORIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19.** 2022. 68 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Relações Internacionais e Integração – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

## RESUMO

Em 2020, o então presidente e candidato à reeleição, o republicano Donald Trump, apresentou um comportamento considerado errático e impróprio na gestão dos desafios e dos impactos em diferentes áreas, nos Estados Unidos, impostos pela crise sanitária global deflagrada pela pandemia da covid-19. Embora seu governo tenha sido responsável pela criação e pela implementação do programa especial *Operation Warp Speed Vaccine Initiative* (OWS), crucial para liberar recursos e acelerar a pesquisa e a produção de vacinas e terapias contra o coronavírus Sars-CoV-2, Trump demorou para agir. Junto a isso, mas não somente, disseminou conteúdos negacionistas e *fake news* sobre a pandemia, criticou e desautorizou especialistas e desrespeitou familiares e amigos dos cerca de 900 mil americanos mortos. Por que, apesar de tudo isso, o republicano manteve um amplo apoio de sua base eleitoral? Esta é a principal pergunta que motiva a presente pesquisa, de grande importância em um novo contexto eleitoral e de permanência e ganho de vitalidade de Trump. Antecipa-se que o agravamento da polarização partidária, o potencializado estímulo a determinados aspectos da onipresente “guerra cultural” estadunidense e outros elementos de sua cultura política possam contribuir para um melhor entendimento desta fidelização ao trumpismo. Para tanto, buscaremos identificar, em um primeiro momento, mudanças ocorridas na política doméstica que possam ter levado à chegada de Donald Trump à Casa Branca, um autodeclarado *outsider* das disputas políticas que contou, amplamente, com o apoio de um eleitorado de direita e extrema ultradireita. O recorte temporal desta pesquisa tem início na crise financeira de 2008 e se encerra em 2020, período durante o qual também buscaremos identificar retrocessos políticos e sociais do governo Trump. Como suporte teórico para a análise de discurso que se pretende fazer, este trabalho recorrerá ao Construtivismo e ao debate sobre crise da globalização e identidade na área de Psicologia Social, refletindo, entre outros pontos, sobre a desvalorização da ciência, sobre os efeitos Dunning-Krueger e Rashomon e sobre o negacionismo do mandatário e de seus apoiadores como algo danoso para o país, em meio à pandemia da COVID-19.

**Palavras-chave:** negacionismo; Trump; COVID-19; construtivismo; identidade.

ALVES, Frans S. G. **La experiencia ultraderechista del gobierno Trump: UNA RELACIÓN ENTRE POLÍTICA, IDEOLOGÍA Y DESVALORIZACIÓN DE LA CIENCIA EN LA PANDEMIA DEL COVID-19.** 2022. 68 p. Trabajo de fin de grado de la carrera de Relaciones Internacionales e Integración- Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2022.

## RESUMÉN

En 2020, el entonces presidente y candidato a reelección, el republicano Donald Trump, presentó un comportamiento considerado errático e impropio en la gestión de los desafíos y de los impactos en distintas áreas, en el Estados Unidos, impuestos por la crisis sanitaria global provocada por la pandemia del COVID-19. Pese que su gobierno sea responsable por la creación e implementación del programa especial *Operation Warp Speed Vaccine Initiative* (OWS), crucial para liberar recursos y acelerar la pesquisa y producción de vacinas y terapias contra el coronavirus Sars-CoV-2, Trump tardó a actuar. Junto a esto, pero no solo, diseminó contenido negacionista y *fake news* sobre la pandemia, criticó y desautorizó expertos e irrespetó familiares y amigos de los aproximadamente 900 mil estadounidenses. ¿Por qué, a pesar de todo esto, el republicano retuvo un amplio apoyo de su electorado? Esta es la pregunta principal que motiva la presente investigación, de gran importancia en un nuevo contexto electoral y de permanencia y ganado de vitalidad de Trump. Se anticipa que el empeoramiento de la polarización partidista, el estímulo potencializado a ciertos aspectos de la omnipresente "guerra cultural" estadounidense y otros elementos de su cultura política pueden contribuir a una mejor comprensión de esta lealtad al trumpismo. Para esto, buscaremos identificar, en un primer momento, los cambios de la política interna que puedan tener ayudado en la llegada de Donald Trump a la Casa Blanca, un autodeclarado *outsider* en las disputas políticas que contó, mucho, con el apoyo de un electorado de derecha y extrema derecha. El marco temporal de esta investigación empieza con la crisis financiera de 2008 y finaliza en 2020, período durante el cual también buscaremos identificar los reveses políticos y sociales de la administración Trump. La corriente teórica utilizada para el análisis del discurso trabajada, será el Construtivismo y el debate sobre la crisis de la globalización y identidad en el área de la Psicología Social, reflexionando, entre otros puntos, sobre la desvalorización de la ciencia, sobre los efectos Dunning-Krueger y Rashomon y sobre el negacionismo del presidente y sus seguidores como algo nocivo para el país, en el medio de la pandemia de la Covid-19.

**Palabras-Clave:** negacionismo; Trump; Covid-19; construtivismo; identidad.



## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1-</b> Tabela 1- Composição do Congresso norte-americano (2009-2013).....  | 19 |
| <b>Figura 2-</b> Tabela 2- Coeficiente da relação candidato-avaliação positiva de seu partido.....   | 20 |
| <b>Figura 3-</b> Gráfico 1- Índice de aprovação do Governo Obama no início do segundo mandato.....   | 20 |
| <b>Figura 4-</b> Mapa 1- Distribuição do voto na eleição presidencial dos E.U.A em 2016.....   | 26 |
| <b>Figura 5 –</b> Gráfico 2- Picos de pesquisas de medicamentos em relação às declarações de Donald Trump.....                                     | 41 |
| <b>Figura 6-</b> Gráfico 3- Número de compras de hidroxicloroquina, cloroquina e azitromicina nas datas em que Donald Trump fazia declarações..... | 41 |
| <b>Figura 7-</b> Foto da planta onde a General Motors e Ventec Life System construiu a base para produção de ventiladores em Kokomo, Indiana.....  | 50 |
| <b>Figura 8-</b> Organograma da Operação War Speed.....  | 52 |
| <b>Figura 9-</b> Tabela 3- Empresas contratadas e investimentos do Governo Trump em pesquisa de vacinas.....                                       | 53 |
| <b>Figura 10-</b> Mapa 2- Mapa do número de mortes nos E.U.A até agosto de 2020.....   | 54 |
| <b>Figura 11-</b> Foto do Comício de Donald Trump em 2020.....   | 61 |
| <b>Figura 12-</b> Foto de Biden e esposa votando nas eleições presidenciais de 2020.....   | 61 |
| <b>Figura 13-</b> Foto da Invasão do Capitólio.....  | 63 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

|      |   |
|------|---|
| AIG  | American International Group                              |
| CDC  | Centro de Controle e Prevenção de Doenças                 |
| CDSs | Credit Default Swaps                                      |
| FCIC | Financial Crisis Inquiry Commission                       |
| FDA  | Food and Drug Administration                              |
| GOP  | Grand Old Party   |
| NRA  | Nacional Rifle Association                                |
| OCDE | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico |
| OMS  | Organização Mundial da Saúde                              |
| OWS  | Operation Warp Speed Vaccine Initiative                   |
| PACs | Political Action Committees                               |
| WASP | White Anglo-Saxon Protestant                              |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>1. CRISE DEMOCRÁTICA ESTADUNIDENSE: O IMPACTO DA CRISE DE 2008, A GOVERNABILIDADE DE OBAMA, A ASCENSÃO DE DONALD TRUMP E O COMEÇO DA PANDEMIA DA COVID-19 NOS E.U.A.....</b> | <b>15</b> |
| 1.1 SISTEMA E COLÉGIO ELEITORAIS ESTADUNIDENSES.....  | 15        |
| 1.2 A HERANÇA DE GEORGE W. BUSH: O DESAFIO DA CRISE DE 2008.....  | 15        |
| 1.3 O PRIMEIRO GOVERNO OBAMA (2009-2013).....   | 17        |
| 1.4 SEGUNDO MANDATO DE OBAMA E CRISE DA DEMOCRACIA.....   | 19        |
| 1.5 A ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP (2016).....   | 23        |
| 1.6 DISCURSO E IDENTIDADE.....  | 26        |
| 1.7 O INICIO DA PANDEMIA NOS ESTADOS UNIDOS.....  | 32        |
| <b>2. IDEOLOGIA, ELEITORADO TRUMPISTA E NEGACIONISMO: O AVANÇO DA PANDEMIA NOS E.U.A.....</b>   | <b>35</b> |
| 2.1 IDEOLOGIA E DISCURSOS DE DONALD TRUMP.....  | 35        |
| 2.2 A AUTO-ILUSÃO E O DISCURSO, COMO DONALD TRUMP MANTEVE SUA BASE ATRAVÉS DO NEGACIONISMO.....   | 42        |
| <b>3. OS LIMITES DO NEGACIONISMO E OS CONSTRAGIMENTOS INSTITUCIONAIS: O COMBATE À PANDEMIA EM ANO ELEITORAL.....</b>  | <b>48</b> |
| 3.1 OS EMBATES EM TORNO DAS MEDIDAS NECESSÁRIAS, O POSICIONAMENTO DO GOVERNO TRUMP E A REAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA: NEGAR O INEGÁVEL.....   | 48        |
| 3.2 OS CONSTRAGIMENTOS INSTITUCIONAIS: TRUMP NÃO SE ESQUEÇA QUE VOCÊ É O PRESIDENTE DOS EUA.....  | 49        |
| 3.3 OS IMPACTOS SOCIAIS DA COVID-19 E AS MANIFESTAÇÕES POPULARES DE 2020.....   | 55        |
| 3.4 AÇÃO ESTATAL, A PROXIMIDADE ELEITORAL E A VACINA.....   | 58        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>65</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>  | <b>67</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender o fenômeno negacionista do Governo Trump frente a pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV 2). O marco temporal utilizado parte de 2008, ano da crise financeira do *subprime*, para explicar as insatisfações populares com o governo Obama, dando base para a chegada do *outsider* republicano, Donald Trump, passando por seu governo e a pandemia, até 2020, ano em que deixou a Casa Branca. Deste modo busca responder a questão: por que apesar da pandemia estar propagando-se de maneira desenfrada nos E.U.A, Trump conseguiu manter seus apoiadores com a retórica negacionista?

Para responder tal questão o trabalho utilizou a teoria construtivista das relações internacionais, focando em discurso e identidade, também explicações do campo da psicologia social, para compreender como as declarações do presidente atua no nível do indivíduo que o segue. A pesquisa parte do caráter qualitativo, uma vez que busca analisar as complexas movimentações da sociedade estadunidense, mas também se beneficia de dados quantitativos para explicar o resultado das declarações de Trump e o contágio nos Estados Unidos.

No início do primeiro capítulo, apresenta-se o funcionamento do complexo sistema eleitoral estadunidense, com seu sistema de primárias e a eleição indireta do presidente, por meio do Colégio Eleitoral. Na sequência, discute-se o período em que a crise americana de 2008/2009 se configura e se torna um antecedente essencial para entendermos a eleição de Trump e suas implicações políticas. Ao analisarmos a crise de 2008, vemos a mesma como um processo para além do financeiro, como um elemento que causou tamanho impacto social na população estadunidense que acarretou considerável frustração e reações contrárias a alguns temas e processos, como a própria globalização em si, gerando os chamados movimentos anti-globalistas, por exemplo. Nesta seção, parte-se da definição de crise empregada por Prado (2009), ou seja, uma ruptura que apresente grandes transformações nos âmbitos político, social e econômico.

No mesmo capítulo, são abordadas as interações entre os poderes constituídos, como a interação entre a Casa Branca, Poder Executivo, e o Congresso estadunidense, o corpo legislativo, que vinha atuando com um crescente voto por legenda e menos acordos interpartidários. Assim, os governos Obama ficaram caracterizados pelo intenso uso de instrumentos políticos, como decretos presidenciais (*executive orders*) e obstrução de projetos e propostas procedentes da Casa Branca democrata por parte da maioria de oposição no

Congresso. Segundo Levitsky e Ziblatt (2018), apesar de estarem previstos na Constituição, estes instrumentos ajudam a desgastar a boa convivência política e o processo democrático como um todo, favorecendo a polarização e abrindo espaço para figuras como a do presidencialista Trump.

Ainda neste capítulo são abordadas questões dos apoiadores da base trumpista e grandes nomes de famílias abastadas estadunidenses que ajudaram a formar sua campanha. Salientamos o discurso e identidade dentro do campo das relações internacionais, como a imagem de Obama e sua ex-secretária de Estado e candidata à Presidência Hillary Clinton foi construída pela oposição e o perfil dos grupos que se identificam com os discursos de Donald Trump. Finalmente, após sua eleição, é trazido o início da pandemia da covid-19 nos EUA.

O segundo capítulo tem início com uma discussão da importância de estudar o campo ideológico dentro das relações internacionais, compreendendo este como imprescindível para interpretar mudanças no sistema internacional e o papel do indivíduo no mesmo. Como o objeto de análise é o negacionismo de Donald Trump e suas ações frente a pandemia do novo coronavírus, buscamos demonstrar como o Sars-CoV 2 se espalhou pelo território estadunidense, as declarações presidenciais e como isto refletiu em seus apoiadores. Deste modo evocar os riscos das faixas sobre tratamentos sem fundamentos científicos (como hidroxiquina) e suposições dúbias (como o caso "Clorox") propagados por Trump e trazendo dados quantitativos para comprovar os danos causados.

Ainda neste capítulo, agora tomando como base o campo da psicologia social, partimos do indivíduo para explicar como o republicano manteve seus seguidores enquanto os casos aumentavam em todo território. Além das *fake news* há a denominada auto-ilusão (self-deception), que não compõe informação falsa mas um método de como utilizá-las, que refletida na figura do líder do país teve alcance internacional. Já o efeito Dunning-Krueger diz respeito ao sujeito julgar-se acima das suas capacidades reais, ao utilizar o texto de Anson (2018), explicamos porque o efeito aliado a polaridade partidária aumenta ainda mais a distância da boa convivência política. Com o efeito Rashomon, explicamos porque a capacidade de interpretação de discurso é essencial, uma vez que, segundo o fenômeno, não importa simplesmente ver os fatos, mas incutir dúvida no expectador, o que ajuda a explicar as "soluções" propostas por Trump.

Finalmente no terceiro e último capítulo iniciamos com o fato de que Donald Trump contraiu o vírus, e apesar de sua retórica negacionista teve que agir para combater a difusão da COVID-19 nos E.U.A. Desta maneira explicamos as ações individuais do

presidente, uma vez que rechaçou cooperações com a OMS, como o pacote multibilionário *CARES Act (Coronavirus Aid, Relief and Economic Security)*, que abrangeu indivíduos, empresas, também buscou a produção de materiais de proteção e combate ao vírus; e a *Operation Warp Speed*, que focou em financiar diversas farmacêuticas para pesquisa e produção de vacinas.

Ao mesmo tempo é impossível relatar o período sem preocupar-se com as movimentações sociais que ocorriam no âmbito doméstico estadunidense, então trabalhamos como a pandemia afetou as populações mais marginalizadas (como carcerários, sem-tetos, e imigrantes), as manifestações do *Black Lives Matter* e por melhores condições do trabalho.

A pesquisa termina com Biden e Trump, como foi o ano eleitoral, as medidas necessárias de combate a pandemia para o ato de votar, as dificuldades encontradas, o discurso de ambos candidatos sobre o tema que virou pauta central de ambas campanhas, a derrota de Donald Trump e os custos que suas declarações resultaram.

# 1. CRISE DEMOCRÁTICA ESTADUNIDENSE: O IMPACTO DA CRISE DE 2008, A GOVERNABILIDADE DE OBAMA, A ASCENSÃO DE DONALD TRUMP E O COMEÇO DA PANDEMIA DA COVID-19 NOS EUA

## 1.1 SISTEMA E COLÉGIO ELEITORAIS ESTADUNIDENSES

A república estadunidense tem carregado (e se autoarvora) o status de modelo de democracia para o mundo desde a publicação da célebre obra de Tocqueville, *Democracia na América*. Segundo Mariano (2019), o sistema eleitoral estadunidense tem sua origem na 12ª Emenda já no século XVIII. A partir deste momento foram estabelecidas primárias internas para a seleção de candidatos de cada partido, buscando, assim, assegurar maior estabilidade ao processo, mediante maior união dentro de cada legenda. O Colégio Eleitoral deve representar a vontade popular refletida no posicionamento dos delegados de cada estado, uma vez que o candidato que conquista a maioria do voto popular do estado leva o total de delegados do mesmo (salvo exceções do Maine e Nebraska).

Um dos notáveis momentos de mudança no processo eleitoral estadunidense foi a conformação da Comissão McGovern-Fraser, no final dos anos 1960, estabelecendo um sistema de primárias presidenciais vinculantes. Na prática, a maioria dos delegados seria eleita em primárias e assembleias no plano estadual, pré-selecionados pelos candidatos. Este sistema retirou, porém, o controle dos líderes de partidos para a seleção de candidatos e delegou-o para os eleitores, possibilitando a candidatura, ainda que tímida de *outsiders*:

Pouco antes do início dos trabalhos da Comissão McGovern-Fraser, dois proeminentes cientistas políticos advertiram que as primárias poderiam “levar ao surgimento de candidatos extremistas e demagogos”, que, livres de obediências partidárias, “pouco teriam a perder incitando ódios de massa ou fazendo promessas absurdas” (LEVITSKY E ZIBLATT, 2018, p. 65).

## 1.2 A HERANÇA DE GEORGE W. BUSH: O DESAFIO DA CRISE DE 2008

Para compreendermos o fenômeno que foi a eleição de Donald Trump, primeiro é necessário nos concentrarmos na difícil governabilidade de Barack Obama, principalmente devido ao desafio da crise do subprime, com o qual sua gestão teve de lidar desde o início. A crise financeira de 2008, ou crise do subprime, foi tida como a pior crise econômica desde a década de 1930 e o Crash da Bolsa de Nova York, em 1929. O subprime é uma categoria de crédito de alto risco. Segundo Daumal (2018), a crise ocorreu por: falhas na regulação e na

supervisão financeira (padrões de empréstimo, securitização, diferença entre patrimônio líquido e dívida e instituições *too-big-to-fail*); avaliações equivocadas, inclusive deliberadamente, de agências de classificação de risco; estrutura de pagamento no sistema financeiro; política monetária e fluxo de capital; fraude financeira e desigualdade econômica nos Estados Unidos.

A crise atingiu seu ápice em 2008, quando o Federal Reserve (FED), banco central dos Estados Unidos, permitiu a quebra do banco de investimentos Lehman Brothers, até então um dos maiores da área. Segundo Daumal (2018), um dos fatores decisivos para crise foi a existência de conglomerados *too-big-to-fail*, como são chamadas as empresas com conexões tão profundas com outras instituições financeiras que sua quebra poderia significar perturbações generalizadas no mercado financeiro. Em 2008, a American International Group (AIG), uma seguradora, enquadrava-se nesta categoria, pois começou a vender os CDSs (Credit Default Swaps), cuja função era assegurar pagamento aos seus compradores, em caso de inadimplência nos pagamentos de hipoteca. Neste caso, os compradores destes títulos não precisavam ser donos de hipotecas e, justamente por isso, investidores que compraram tais títulos apostando no estouro da bolha imobiliária fizeram fortuna em meio à crise (DAUMAL, 2018). A AIG não quebrou por intervenção governamental, graças aos cerca de US\$ 180 bilhões injetados pela administração Obama. Segundo a revista Forbes, em 2008, a AIG era 18ª maior empresa do mundo.

A Comissão de Inquérito da Crise Financeira (FCIC) estimou, em 2011, que houve entre 8 e 13 milhões de execuções de hipotecas desde o estouro da bolha. A desigualdade econômica estadunidense foi uma das categorias que mais cresceram durante a inflação imobiliária, com o coeficiente de Gini, que serve para medir a desigualdade econômica da população e valor máximo 1, registrando um aumento de 0,32, em 1985, para 0,37, em 2007 (DAUMAL, 2018). Essa mudança significa que o 1% da população mais rica passou da fatia de 11% da renda nacional, em 1980, para 20%, em 2014, enquanto os 50% mais pobres decresceram de 20% da renda nacional para 13% no mesmo período (WORLD INEQUALITYREPORT, 2018 apud DAUMAL, 2018).

O desemprego mais do que duplicou entre 2006 e 2011, passando de menos de 5% para 10% no período<sup>1</sup>. Se formos analisar via classe econômica, entende-se também porque o governo Obama foi hostilizado pela classe média-alta e alta. Segundo censo do U.S Bureau of

---

<sup>1</sup>TAXA de desemprego civil (2006-2010). In: BLS Data Viewer "BLS Beta Labs". U.S Bureau of Labor Statistics. 2020. Disponível em: <https://www.bls.gov/charts/employment-situation/civilian-unemployment-rate.htm>. Acesso em: 20 nov. de 2021.



Labor Statistics, entre 2008 e 2010, observou-se que os 20% mais ricos tiveram diminuição das despesas anuais pela receita e, depois, lento crescimento até 2012<sup>2</sup>. Conforme relatório de 2013 do Departamento do Tesouro dos E.U.A, houve, no patrimônio líquido doméstico deste segmento socioeconômico, uma queda impressionante de aproximadamente US\$ 75 trilhões em 2007 e, depois, para quase US\$ 55 trilhões, em 2008<sup>3</sup>. Os bancos congelaram os empréstimos para conservar liquidez, e houve redução de aproximadamente 79% entre 2007 e 2008, chegando a uma queda de valores emprestados a negócios e consumidores de quase US\$2 trilhões <sup>4</sup>.

### 1.1 PRIMEIRO GOVERNO OBAMA (2009-2013)

Como a crise teve início durante o governo de George W. Bush, o partido republicano se preocupou se os democratas usariam tal acontecimento para fortalecer sua propaganda eleitoral e, com isso, retornar ao “*Welfare-State*”, termo utilizado para definir estado com maior controle na economia para promover bem-estar social. Enquanto isso, muitos democratas esperavam-se beneficiar da crise para estabelecer uma Presidência progressista, a chamada *The New Liberal Order*. Segundo Bartels (2013), a eleição de Obama foi um dos exemplos de que o sucesso, ou o declínio, econômico de um partido durante seu mandato influencia a manutenção da figura política e do partido em cargos governamentais pela pressão da opinião pública. Segundo o autor, a população está menos interessada em manifestos ideológicos, teorias econômicas e em partidos, mas realmente preocupada com a simples assertiva de sucesso, ou falha imediata. Assim, quando Obama assumiu a Presidência em 2008, foi uma clara resposta pública ao padrão eleitoral, sendo sucesso econômico igual à reeleição, e fracasso, à oposição (BARTELS, 2013).

Segundo Pecequilo (2010), durante o primeiro mandato de Obama, houve uma volta do debate do *big government* e *small government* (termos referentes à participação do Estado na economia, sendo com grandes intervenções e participação mínima,

---

<sup>2</sup>GASTOS anuais por quintil: quintil dos 20% com maior renda. In: BLS Data Viewer "BLS Beta Labs". U.S Bureau of Labor Statistics. 2020. Disponível em: <<https://beta.bls.gov/dataViewer/view/timeseries/CXUTOTALEXPLB0106M>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

<sup>3</sup>HOUSEHOLD Net Worth (1955-2010). In: THE FINANCIAL CRISIS: FIVE YEARS LATER "Federal Reserve/Bloomberg". Obama White House Archives. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/docs/20130915-financial-crisis-five-years-later.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

<sup>4</sup>THE FINANCIAL CRISIS: FIVE YEARS LATER "White House Administration". Obama White House Archives. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/docs/20130915-financial-crisis-five-years-later.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

respectivamente), com o Partido Republicana preocupado que o perfil democrata de Obama, com propostas de investimentos em saúde, educação e energia, transformassem o Estado em um aparato mais interventor da economia, com aumento de impostos e de regulações.

Ainda conforme Pecequilo (2009), que recua um pouco no tempo, a onda neoconservadora republicana demonstrou sua influência já em 1994, quando retomou maioria no Legislativo, há décadas sob comando democrata. Com a crise financeira sob a presidência de George W. Bush, houve, dentro do Partido Republicano, disputas entre conservadores e aqueles tidos como mais moderados, resultando na maior proeminência dos mais ortodoxos. Um exemplo desta pressão foi o caso do senador republicano Arlen Specter, da Pensilvânia. Após 100 dias de governo Obama, ele passou para o Partido Democrata, denunciando a coação intrapartidária pró-direita e anti-Obama.

Obama teve sua governabilidade conturbada, enfrentando grande oposição no Congresso Nacional, a partir de 2011 (Tabela 1), porque, como explica Velasco e Cruz (2019), a unidade partidária (voto por legenda) vinha crescendo, tanto no Senado quanto na Câmara dos Representantes (nesta última, mais expressivamente). Deste modo, representantes tendem a seguir recomendações de seus partidos políticos, índice que chegou a 85%-90% durante a administração de George W. Bush, resultando em menos acordos interpartidários.

Houve atenção para setores sociais, como uma reforma do sistema de saúde para que mais pessoas tivessem acesso a planos de saúde e diminuindo restrições impostas por seguradoras (*Patient Protection and Affordable Care Act*, mais comumente conhecido como *Obamacare*); políticas migratórias mais abrangentes, para regularizar a situação de crianças e jovens trazidos para território estadunidense (*Deferred Action for Childhood Arrivals*, ou DACA); e reforma nos empréstimos estudantis (*Pay as You Earn*), facilitando pagamentos de acordo com a renda. Diante da amplitude da agenda, até mesmo alguns democratas se mostraram hesitantes. Muitas das propostas passaram com aprovação mínima, caso do *Obamacare* (2010), que passou na Câmara dos Representantes por 219 votos, enquanto o mínimo necessário era de 216.

Nas eleições de meio de mandato (*midterm elections*) de 2010, os republicanos assumiram maioria na Câmara dos Deputados e nos governos estaduais. Também o fato de atraso no encerramento das Guerras do Iraque e do Afeganistão, o aumento de operações secretas no Oriente Médio e a manutenção da prisão de Guantánamo e do Ato Patriótico foram cruciais para minar a imagem de Obama como líder eficiente no primeiro mandato (MAGNOTTA, 2014).

Tabela 1 - Composição do Congresso norte-americano (2009-2013)

**Tabela 1 - Composição do Congresso norte-americano (2009 – 2013)**

|                                  | 2009-2011    |            | 2011-2013    |            |
|----------------------------------|--------------|------------|--------------|------------|
|                                  | Republicanos | Democratas | Republicanos | Democratas |
| <b>Senado</b>                    | 41           | 59         | 47 (+6)      | 53 (-6)    |
| <b>Câmara dos Representantes</b> | 178          | 257        | 242 (+64)    | 193 (-64)  |

Fonte: MAGNOTTA, 2014, p. 132

#### 1.4. SEGUNDO MANDATO DE OBAMA E CRISE DA DEMOCRACIA

A reeleição de Obama em 2012 foi marcada por uma grande incerteza, devido aos fatores citados na seção anterior, mas ele venceu Mitt Romney com 332 votos de delegados, contra 206 do republicano. Segundo Jacobson (2015), as eleições presidenciais de 2012 atingiram número recorde de apoiadores votando de acordo com sua legenda: 90% dos eleitores votaram pelo seu partido, maior índice desde 1956. Esta lealdade partidária para Obama foi demonstrada no apoio dos democratas moderados, permitindo uma vantagem substancial sob Romney.

De acordo com estudo realizado pelo American National Electoral Studies (ANES), em 2012, 75% dos apoiadores do Partido Republicano desaprovavam a performance do governo de Obama até aquele momento (JACOBSON, 2015). A imagem de Obama era extremamente influente para os democratas, ou seja, segundo Jacobson (2015), a aprovação dele como presidente refletia nas opiniões sobre o partido democrata durante o governo Obama mais do que qualquer governo do pós-Segunda Guerra, como demonstrado na tabela 2.

Tabela 2 - Coeficiente da Relação Candidato-Avaliação Positiva de seu Partido

**Table 2**

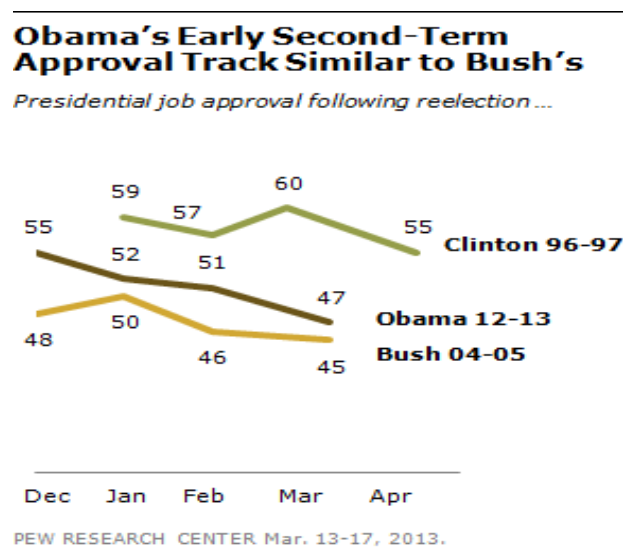
Approval of the president's job performance and opinions of the president's party.

|  | Coefficient | S.E. | Constant | S.E. | Adjusted R <sup>2</sup> | N   |
|--|-------------|------|----------|------|-------------------------|-----|
| 1. Positive opinion of president's party                               |             |      |          |      |                         |     |
| Clinton  | .35***      | .13  | 25.6***  | 6.5  | .14                     | 41  |
| G.W. Bush  | .49***      | .03  | 16.3***  | 1.5  | .84                     | 50  |
| Obama  | .60***      | .08  | 9.6*     | 4.2  | .55                     | 43  |
| 2. Favorable opinion of president's party                              |             |      |          |      |                         |     |
| Clinton  | .39***      | .04  | 32.0***  | 2.6  | .60                     | 75  |
| G.W. Bush  | .43***      | .02  | 26.6***  | 1.0  | .80                     | 116 |
| Obama  | .53***      | .06  | 19.2***  | 3.1  | .67                     | 95  |
| 3. Favorable opinion of president's party leaders or party in Congress |             |      |          |      |                         |     |
| Clinton  | .60***      | .11  | 12.5     | 6.3  | .76                     | 15  |
| G.W. Bush  | .68***      | .04  | 8.3***   | 1.8  | .87                     | 45  |
| Obama  | .82***      | .05  | -6.4*    | 2.6  | .79                     | 90  |
| 4. Party better on most important problem (Net)                        |             |      |          |      |                         |     |
| Clinton  | .46*        | .23  | -22.0*   | 11.5 | .14                     | 17  |
| G.W. Bush  | .55***      | .11  | -30.5*** | 5.5  | .65                     | 13  |
| Obama  | 1.16***     | .13  | -50.5*** | 6.5  | .94                     | 8   |
| 5. Macropartisanship (ARMA Model)                                      |             |      |          |      | Wald X <sup>2</sup>     |     |
| Clinton  | .19***      | .05  | 42.6***  | 2.5  | 127.3                   | 96  |
| G.W. Bush  | .17***      | .03  | 39.0***  | 1.3  | 158.2                   | 96  |
| Obama  | .28***      | .07  | 38.4***  | 4.0  | 174.1                   | 55  |

Fonte: JACOBSON , 2015, p. 6

A população estadunidense também se encontrou decepcionada com os índices socioeconômicos alcançados durante o governo Obama, com um índice baixo de aprovação no início do segundo mandato próximo a popularidade de Bush:

Figura 3 Gráfico de Índice de aprovação do Governo Obama no início do Segundo Mandato



Fonte: Pew Research Center (2013). Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2013/03/21/obama-job-approval-slips-as-economic-pessimism-rises/>>. Acesso em: 14 nov. 2021>.

Este gráfico ajuda a ilustrar a tese sucesso-reeleição/fracasso-oposição de Bartels, pois durante as eleições de meio de mandato (midterm elections) de 2014, os republicanos

constituíram maioria, devido à lenta recuperação econômica promovida por Obama e por sua imagem polarizada (recuperação de uma das maiores empresas do mundo a AIG, lento crescimento econômico, diminuição do poder aquisitivo das famílias e discursos da oposição neoconservadora). Assim, os republicanos recuperam 24 dos 36 assentos vagos no Senado, e 247 dos 435 assentos na Câmara dos Representantes, compondo maioria em ambas casas.

Agora, Senado e Câmara dos Representantes eram controlados por maioria de oposição. Segundo Levitsky e Ziblatt (2018), para o funcionamento do aparato estatal de maneira democrática, é necessária a existência de regras informais que não estão presentes no âmbito legal e que, no cenário estadunidense, regras são imprescindíveis: tolerância mútua e reserva institucional.

A primeira afirma que, enquanto a oposição seguir as regras institucionais, é necessário que reconheçamos o direito dela de existir. Sem este fator, a república estadunidense não poderia existir. Além disso, o reconhecimento dos rivais políticos como legítimos é necessário para sustentar a democracia, pois, uma vez no poder, não se pode encarar o outro como ameaça, o que prejudicaria a nação como um todo (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018).

A segunda se refere à tolerância e ao comedimento do poder, ou seja, não é porque uma atitude é legal, juridicamente, que se deve aproveitar seu uso. Existem ações que, apesar de serem direitos, violam o espírito da lei. Assim, presidentes respeitam o poder do Congresso, em vez de recorrer, unicamente, a meios como aparelhamento da Suprema Corte e decretos presidenciais, e exige-se que o Congresso também não bloqueie todos os movimentos do Executivo, como recusa de financiamento (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018).

Em um cenário onde estas duas regras informais não existem, ocorre o que Mark Tushnet nomeou de “jogo duro institucional” (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018): as normas são respeitadas, mas são levadas ao seu limite, em um combate institucional para derrotar rivais partidários. Se a polarização aumentar de tal forma que a tolerância desapareça, pode surgir um cenário ainda mais perigoso:

A polarização pode destruir as normas democráticas. Quando diferenças socioeconômicas, raciais e religiosas dão lugar a sectarismo extremo, situação em que as sociedades se dividem em campos políticos, cujas visões de mundo são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes, torna-se difícil sustentar a tolerância. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 132)

Os anos da administração Obama foram amplamente hostilizados pelos congressistas republicanos, por meio de discursos de que os oponentes democratas eram

antiamericanos e ameaçam o American Way of Life. Assim, iniciou-se a quebra da reserva institucional, com uso abrangente de ordens executivas presidenciais e tentativas de barrá-las no Congresso. Uma ala republicana autodenominada “*Young Guns*”, cujos principais nomes eram Paul Ryan, Eric Cantor e Kevin McCarthy, da Câmara dos Representantes, administrava encontros para desenvolver estratégias de confronto às políticas democratas (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018). Um dos principais embates entre democratas e republicanos foi uma nova tentativa de reforma do sistema imigratório dos Estados Unidos em 2014, a qual, se aprovada, poderia regularizar a situação de aproximadamente cinco milhões de pessoas. Acabou barrada na Câmara dos Representantes, com seu presidente, o republicano John Boehner (republicano e então presidente da Câmara), afirmando que não permitiria um voto sequer<sup>5</sup>.

O que se seguiu até o fim do segundo mandato foi uma batalha constitucional entre o obstrucionismo e a deterioração da taxa de confirmação presidencial (aprovação de projetos presidenciais) em tribunais de serviço versus ordens executivas unilaterais, desgastando o jogo democrático (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018). Três momentos foram cruciais para demonstrar a erosão da reserva constitucional: primeiro, a possibilidade de recusa do aumento do teto do endividamento federal pela Câmara dos Representantes (de maioria republicana), causando paralisações de aproximadamente 800 mil funcionários federais por licença forçada (o novo teto foi aprovado apenas no fim de 2013); segundo, quando o senador Tom Cotton e outros 46 senadores republicanos escreveram uma carta aos líderes iranianos, na qual defendiam que Obama não tinha autoridade para negociar um programa nuclear com o país:

“Primeiro, de acordo com nossa Constituição, enquanto o presidente negocia acordos internacionais, o Congresso desempenha o papel significativo de ratificá-los. [...] O que não for aprovado pelo Congresso é mero acordo executivo. [...] O presidente Obama deixará o cargo em janeiro de 2017, enquanto a maioria de nós permanecerá no cargo muito além disso, talvez décadas”. (COTTON, 2015, tradução do autor)<sup>6</sup>

E o terceiro foi bem no final do segundo mandato de Obama, quando o Senado se recusou a aceitar a indicação presidencial do juiz Merrick Garland para a Suprema Corte em 2016, fato que não acontecia desde a Reconstrução (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018). Velasco e Cruz (2019) ainda ressalta cinco termos que expressam a polarização no Congresso

<sup>5</sup>BASSETS, M. Obama governará por decreto para impulsar sua reforma migratória. **El País**. Washington, 30 jun. 2014. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/30/internacional/1404153638\\_219263.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/30/internacional/1404153638_219263.html)>. Acesso em: 15 nov. 2021.

<sup>6</sup>Trecho original disponível em: <<https://www.vox.com/2015/3/9/8173681/iran-letter-senate>>. Último acesso em: 15 de novembro de 2021>.

estadunidense: os conflitos políticos que ocorrem no Congresso são majoritariamente expressos em uma dualidade liberal/conservador; aumento na dispersão da posição de membros na dimensão liberal-conservador (posições extremo-liberal, ou extremo-conservador, tendem a aparecer mais no Congresso); a composição ideológica de ambos os partidos se tornou mais homogênea; as posições de democrata, ou republicano moderado, tornaram-se mais distantes e, finalmente, não há sobreposições nos posicionamentos dos partidos, como republicanos liberais, ou democratas conservadores, no Congresso. Uma clivagem que altera não somente o posicionamento de como tomar decisões-chave, mas o tamanho das diferenças entre as partes.

Neste cenário de hostilidade constitucional, classe média insatisfeita com paliativos frente à crise, aumento das leis reguladoras para combate à crise e insatisfação do setor industrial, surgiu a figura presidenciável de Donald Trump que, para surpresa de muitos, viria a ser eleito em 2016.

### 1.5 A ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP (2016)

Trump tinha uma base de apoiadores muito específica que ficou ao seu lado, mesmo que seu nome divergisse das escolhas anteriores da cúpula do do Partido Republicano. Sua rede de apoio principal era composta por bilionários ultraconservadores e por suas organizações políticas/ideológicas. Como Velasco e Cruz (2019) ressalta, muitos deles não nutriam viam Trump com bons olhos, porém viram nele a oportunidade de manter os interesses prevalecidos, tais como diminuição nas regulações no campo financeiro e produtivo (aqui principalmente na energia e meio-ambiente) promulgadas por Obama.

A Campanha de Donald Trump de 2016 tinha como estrategista-chefe Stephen Bannon, presidente do website Breitbart, fonte de notícias que Trump “retweetava” para seus milhões de seguidores. A campanha digital de Trump era conformada por uma tríade composta pela agência de marketing Giles-Parscale, a empresa de “*microtargeting*” (direcionar propagandas específicas para determinadas pessoas através de análise de algoritmos), Cambridge Analytica e a equipe de campanha digital do Partido Republicano (PERSILY, 2017).

Segundo Persily (2017) é estimado que metade do valor de campanha arrecado por Trump foi direcionada para mídias digitais. Somente no dia de eleição foi gasto meio milhão de dólares para comprar um banner de propaganda no YouTube. O uso de lives transmitidas pelo Facebook permitiam comentários de seus apoiadores ajudou a arrecadar US\$9 milhões em doações. A campanha lançou quatro mil modelos de propaganda eleitoral

diferentes e alcançou 1.4 bilhão de impressões (total de mídia e reações que estas geraram) na internet.

No Twitter o candidato possuía 3 milhões de seguidores a mais que sua concorrente (13 e 10 milhões respectivamente), porém durante três semanas na metade de 2016 os tweets de Trump eram replicados mais de três vezes que os de Hillary Clinton, ele também era citado por perfis de emissoras de comunicação (CNN, CBS, MSNBC e NBC) no Twitter quase três vezes mais que a democrata. No Facebook a taxa de replicação de seu conteúdo era cinco vezes superior que a de Clinton. Seguindo estas estratégias, só durante as primárias, Trump alcançou um montante de US\$ 2 bilhões em propaganda gratuita e se estima que nas eleições gerais o mesmo montante (PERSILY, 2017). Ainda, segundo Brad Parscale, diretor da campanha digital, é estimado que durante a campanha foi gerado um banco de dados com mais de 200 milhões de perfis de pessoas (PERSILY, 2017).

A campanha eleitoral de Donald Trump focou primeiramente em grupos republicanos que o candidato tinha base (aqueles tidos como extremistas dentro do partido republicano) dividindo seu eleitor ideal em trinta tipos diferentes e enviando mensagens de campanha específicas para cada perfil (MORAES, 2019). Com o crescente voto de apoiadores à legenda e a associação de Obama aos democratas, a campanha de Trump conseguiu captar os votos de seu adversário nas primárias, Mitt Romney, composto principalmente por mulheres republicanas com ensino superior, latinos conservadores e católicos, votos que muitos esperavam ir aos democratas (DAVIS, 2017).

Para evitar confrontos com o establishment do Partido Republicano e garantir apoio nas eleições gerais, Trump deixou o cargo de vice-presidente vago, assim foi estabelecido Mike Pence, que havia sido governador na Indiana e tido seis mandatos na Câmara dos Representantes. Este posicionamento também cativou doadores como Rebekah Mercer, herdeira de um dos maiores apoiadores dos republicanos, Robert Mercer (bilionário que é o maior investidor do grupo Cambridge Analytica), que além de doar montantes milionários de campanha, se estima que conseguiu US\$15,5 milhões para diferentes fundos de campanha de Trump<sup>7</sup>, foi responsável por integrar Bannon à sua equipe (DAVIS, 2017).

Um grupo que foi também foi captado pela campanha trumpista foi a chamada classe branca trabalhadora, representada pelo coração da indústria estadunidense, conhecido

---

<sup>7</sup>ZOELLNER, D. *Key Trump campaign donor steps back from supporting president's 2020 election bid. Independent.* (s.l), 24 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-election/donald-trump-2020-election-campaign-rob-merc-merc-republican-donor-a9637021.html>>. Acesso em: 16 nov. 2021.



como cinturão da ferrugem (*Rust Belt*), estes desmotivados pelos retrocessos da crise financeira de 2008 passaram o voto ao Partido Republicano. Quatro estados industriais chave da base democrata foram fundamentais para a vitória de Trump, delegados da Pennsylvania, Ohio, Michigan e Wisconsin migraram para os republicanos. Ainda segundo pesquisa citada por Moraes (2019), a classe branca trabalhadora é o grupo mais pessimista e alienado da sociedade estadunidense. Resultando, segundo pesquisa compilada em 2019, numa população estadunidense que passa por uma cisão bipartidária beirando a um “*right-wing and left-wing authoritarianism*”, ou seja, os candidatos de cada partido pouco importam e sim a sua base ideológica, o que diferencia os dois partidos, mas do que posições moderadas entre os dois (CONWAY, MACFARLAN, 2019).

Moraes (2019) cita ainda, uma outra classe social que contribuiu com a eleição de Donald Trump em 2016, que está inclusa na parcela da classe branca trabalhadora, a dos pequenos empresários, estes têm uma renda média anual quase tripla da média nacional (US\$ 112 mil contra US\$ 48 mil), são majoritariamente brancos (86%) e participam ativamente das eleições nacionais (92% votam regularmente), representam aproximadamente 17 milhões de estadunidenses. Considerando ainda a família desta classe, representam aproximadamente 29 milhões de votantes que migraram para o republicanismo de Trump.

A campanha de Trump também focou nos indecisos, através dos algoritmos da Cambridge Analytica, conseguiu localizar uma massa de aproximadamente 13,5 milhões de pessoas em dezesseis estados onde a disputa estava acirrada, como as mensagens direcionadas a perfis específicos ajudou a construir uma rede enfocada, que não venceu pela maioria, mas sim por saber aproveitar-se do receio e desilusão com as políticas democratas (PERSILY, 2017).

Moraes (2019) relata como Hillary Clinton afirmou em seus discursos que ganhou nas áreas estadunidenses mais prósperas economicamente, o que exclui os demais estados, um discurso também voltado a globalização e internacionalização, enquanto uma parcela grande da população tinha maior esperança num discurso estadista, frente as desilusões frente ao combate a crise financeira de 2008. Deste modo os não-votantes são elemento fundamental para entender a ascensão de Trump, pois o enfoque não era somente captar votos, mas fazer com que a rival perdesse credibilidade e votos potenciais.



se da frustração proveniente da lenta recuperação econômica estadunidense a partir de 2008 e a imagem de Obama se tornou indissociável para o futuro do partido democrata é necessário abordar a força que os discursos republicanos tomaram no imaginário popular estadunidense e como isto influenciou nas políticas estadunidenses.

O construtivismo veio como uma teoria alternativa às então vigentes, propondo o debate de quanto a ação estatal é influenciada pela “estrutura” (anarquia e distribuição do poder) versus “processo” (interação e aprendizagem) e instituições. Renovou a teorização das relações internacionais trazendo uma visão ontológica à mesma, inovando frente ao neorealismo e ao neoliberalismo onde o racionalismo explícito busca explicar em comportamentos e resultados, agora as identidades e os interesses são as variáveis predominantes.

Para o construtivismo a relação materialismo-idealismo (ideias e valores) que constroem a relação agente-mundo material também influenciam a relação deste agente com o mundo, deste modo as ideias e os valores advindos da relação agente-mundo material ajudam também a definir este mundo material. Segundo Alexander Wendt, “A anarquia é o que os Estados fazem dela”, esta famosa afirmação significa que é imprescindível compreender anarquia sem considerar as questões de identidade e interesses.

Wendt (1992) considera que identidades são fatores decisivos na definição dos interesses de um Estado, agora, para que utilizar uma teoria de relações internacionais que se propõe a explicar a função anárquica dentro do âmbito doméstico estadunidense? Como explicado anteriormente o cenário vivenciado pela população dos Estados Unidos encontra-se altamente polarizada, Wendt nos explica que a identidade é formada dentro da anarquia, sob a pressão de manutenção da segurança do “eu”. Além disso como será abordado mais à frente a política externa estadunidense não possui um órgão único e exclusivo, sendo pauta de grande importância na Casa Branca, tendo reflexo gigantesco nas movimentações e decisões de demais atores do Sistema Internacional.

Há de se considerar então que através de sua história, o povo estadunidense vem se desenvolvendo através de pautas baseadas em morais cristãs, onde a égide do povo escolhido vem segregando parcelas da população que não se enquadram no espectro eleito, com a crescente polarização na política estadunidense observamos que estas rupturas se encontram reforçadas por uma insatisfação advinda da crise financeira de 2008. O que acontece então é que estas insatisfações das parcelas mais afetadas, ou mesmo frustradas, com o baixo rendimento econômico encontraram lar nos posicionamentos infundados de Donald Trump, que ao invés de propor reformas substanciais encontrou palco nos preconceitos estruturais da

história estadunidense.

Considerando a crescente interdependência complexa do sistema internacional, os Estados Unidos como potência pós-Segunda Guerra e também como um dos maiores produtores de tecnologia de informação (principalmente se pensarmos na origem das redes sociais), é imprescindível que o trabalho retrate a importância do discurso e seus reais objetivos, um fato é pessoas saberem discernir *fake news* de informação, porém na era da internet e buscando exemplos no passado vemos que a vontade de realizar tal distinção se encontra superada pelo desejo de estar correto, a polarização perdoa os limites da racionalidade em detrimento da emoção.

“A identidade, com seus vínculos apropriados da realidade psicológica, é sempre uma identidade dentro de um mundo específico e socialmente construído”, argumenta Peter Berger (WENDT, 2013, p.11). Com este trecho Wendt nos explica que os interesses dos atores são ainda indissociáveis de seus contextos sociais, também que para sistema de Estados ser constituído há um material anterior, as sociedades domésticas e que ao integrarem o todo, se mantém um desejo, o de preservação.

Ao colocarmos a óptica sob os discursos de Donald Trump, que incitam ondas de discursos de ódio e ao mesmo tempo crescentes movimentos sociais nos Estados Unidos podemos ainda refletir sobre a perspectiva do “Eu” e do “Outro” para Wendt, o que ele chama de sinalização, interpretação e resposta nos ajuda a compreender que esta cisão política reflete nas demandas domésticas, enquanto há movimentos “nacionalistas” conservadores por outro movimentos que demandam maior equidade entre a sociedade civil.

Wendt (1992) ainda nos avisa que apesar dos mundos da política do poder serem socialmente construídos não garante que mudanças nos mesmos seja fácil, por duas razões, primeira que há comportamentos reforçados e desencorajados, segunda que estas mudanças podem ser barradas para a manutenção de “identidades relativamente estáveis”, entraves à mudança social. Apesar disto num cenário propenso a mudanças há de se considerar que estas se devem a condições sociais que se tornam insolúveis e também de numa perspectiva de ganho e perda há de se ganhar muito mais que perder, o que leva uma mudança nas identidades e assim mudar as regras do jogo em que os atores estão inseridos. Neste sentido ainda vale ressaltar que a identidade individual também é conformada com em “significados coletivos”:

As concepções do “eu” e do interesse tendem a “espelhar” as práticas de outros tantos ao longo do tempo. Esse princípio de formação de identidade é capturado pela noção simbólico-interacionista do “looking - self glass”, que afirma que o “eu” é o reflexo da socialização de um ator. (WENDT, Alexander, 2013, p. 439)

Os interesses estatais que se conformam através dos interesses podem ser resultado de sua relação com a sociedade doméstica quanto da sociedade internacional (WENDT, 1995), dentro desta perspectiva o modelo de governo Trump sobe ao poder ao reforçar insatisfações populares advindas de problemas estruturais socioeconômicos. Segundo Rocha (2017), análise de discurso dentro do campo das relações internacionais adquiriu grandes projeções após a falha de teorias tradicionais como liberalismo e realismo em explicarem resultados da Guerra Fria e da Guerra do Golfo, ainda, que este campo considera que linguagem enquanto discurso é carregado de interação social sendo impossível de ser neutro, já que estas (interações) são carregadas de processos históricos-sociais.

Tomando os escritos de Onuf (2003) é necessário que os agentes tenham uma perspectiva de si para que possam tomar ações em preterimento de suas identidades, logo, ações são voltadas para si mesmos. A linguagem é essencial para definir o ator. Partindo de Descartes e a autoconsciência do “eu”, Onuf, ajuda a compreender como a consciência personificada, normativamente orientada e ativamente social funciona como agente num mundo social tomado pela ação coletiva. Entendendo que a linguagem é determinante na formação do sujeito, os discursos produzidos a partir da identificação de si ajudam compreender a função dos mesmos, que objetivos procuram alcançar e que estruturas procuram mudar, manter ou até mesmo, como o caso que este texto procura trabalhar, excluir. Também nos leva refletir como sociabilidade e subjetividade são intrínsecas e indissociáveis.

Ainda podemos destacar a questão do “eu” e “nós” para Onuf (2003), o autor trabalha com exemplos de infância e de um policial, onde no primeiro é debatido a capacidade de identificar-se com interpelações, através de referenciais, e identificar-se a partir destes; já no segundo, o policial diz “*hey, you there*” e o indivíduo ao virar-se à saudação torna-se sujeito. O ato do discurso deve ser levado em conta, pois, ao falar por alguém e ao agir por qualquer meio o ator torna-se um agente; emoções também geram um tipo de reação primária (positiva ou negativa) sobre algo ou alguém e finalmente as memórias, estas partem de uma construção coerente do passado para que se possa construir um futuro plausível (ONUF, 2003).

Donald Trump usou durante suas campanhas políticas muitos slogans como “*Make America Great Again*” e referenciou-se muitas vezes a migrantes, mexicanos, negros e muitas categorias sociais, que não se enquadram dentro do referencial “eu/nós” (os anteriormente citados WASP, os apoiadores ou crentes do mito fundador e self-made man), como “eles” (them), o que “descategoriza” estes grupos em equidade de “ser”. Onuf ainda nos

adverte que ao agir como agentes se considera a identidade pessoal refletida no coletivo:

Quando agimos, como agentes, para um grupo de outros (que pode incluir nós mesmos), agimos para os outros como se eles, ou nós, fôssemos um único corpo, conhecido por todos nós como tal. Mais uma vez, comprovamos nossas identidades pessoais por meio de tais atos, e talvez façamos o mesmo com as identidades dos outros membros desse corpo (ONUF, 2003, tradução do autor, p. 46)<sup>8</sup>

Karen M. Fierke escreveu que a mentira como um dos pontos centrais do discurso faz com que este não possa ser confiado, mas ao mesmo tempo nos lembra como os diplomatas eram tidos como “homens honestos enviados ao exterior para mentir pelo seu país” (FIERKE, 2001). O fato da linguagem ser um dos campos novos das relações internacionais ignora o fatode que ela sempre esteve presente em nosso meio, segundo Fierke, até mesmo a força é uma forma de linguagem.

O partido republicano, nos anos de governo Obama, conseguiu incutir em seus apoiadores a dúvida da nacionalidade do presidente. Segundo estudo realizado, em 2012, pela American National Election Studies (ANES) em conjunto com o Cooperative Election Study (CCES), mais de 40% dos eleitores republicanos acreditavam que Obama tinha nascido no exterior, mais de 40% disseram que ele era muçulmano e menos de 25% dos opositores disseram que ele era estadunidense e cristão (JACOBSON, 2015).

Stern (2019) reflete sobre a questão da verdade, como esta é pré-existente a nossa perspectiva sobre ela. Nos estudos positivistas anteriores ao Terceiro debate esta era definida a partir de que cada ser tem sua perspectiva sobre a realidade, a verdade se transforma na correspondência entre nossas declarações e o mundo que existe fora de nossas mentes. Com a virada dos anos 80, esta perspectiva objetiva transformou-se na análise do que a linguagem representa, e considerou-se outros fatores subjetivos para defini-la.

Para esta análise ainda temos que considerar que política externa e política doméstica estão intrinsicamente conectadas, como Putnam (2010) coloca, todavia não há um esclarecimento sobre qual determina a outra, porém, o importante é esta conexão. Segundo o autor é necessário levar em conta fatores de lutas sociais, além dos representantes do Executivo, tais como: os partidos, as classes sociais, os grupos de interesse, os legisladores, opinião pública e as eleições. O jogo de dois níveis é complexo pois se atenta ao fato de tomadas de decisões,

---

<sup>8</sup> Trecho traduzido por autor, trecho original: “*When we act, as agents, for a group of others (which may include ourselves), we act for the others as if they, or we, are a single body, known to all as such. Again, we substantiate our personal identities through such acts, and perhaps we do the same for the identities of that body's other members*”.

enquanto uma pode ser racional para um ator pode não o ser para outro, porém, Putnam nos adverte que “Qualquer jogador importante do tabuleiro internacional que estiver insatisfeito com o resultado pode desorganizar o jogo e, inversamente, qualquer líder que não consiga satisfazer seus companheiros do tabuleiro doméstico arrisca ser retirado de seu assento” (PUTNAM, 2010, p. 152).

Com isto partimos para o que a figura presidencial de Donald Trump representa para o mundo, o que sua permissividade pode alterar o sistema internacional. Sanahuja (2019) explica que essas aberturas a figuras como Trump vem da crise do neoliberalismo, cujo marco é a crise do subprime de 2008 (explicada na segunda seção) pois esta forçou os limites sistêmicos do modelo de globalização financeiro e carente de regulação. Resultando numa nova fase marcada por inteligências artificiais e plataformas digitais que questionam o modelo produtivo atual e até mesmo as relações de trabalho.

É necessário iluminar que a globalização dinamizou as relações de poder e a distribuição de riqueza, onde polos econômicos emergentes começaram a despontar, conjuntamente o crescimento de movimentos sociais, onde a luta por maior equidade e participação na vida civil buscavam fazer-se cumprir as promessas de inclusão social. As tendências da onda conservadora se traduziram em uma repolitização, esta marcada por contestação de normas, discursos e valores liberais que ao no contexto doméstico puseram em cheque a legitimidade das instituições. Os partidos políticos também tiveram grande influência neste processo, ao preferir discursos populistas para manutenção no poder abriram espaço para extremistas, tais como Trump. O discurso nacionalista seleciona indivíduos e exclui o pluralismo social (SANAHUJA, 2019).

Para Sanahuja (2019), o surgimento de figuras como Donald Trump se explica por fatores de agência que possuem a capacidade de mobilizar discursos e meios de comunicação e questionam a ordem globalizada e liberal pelas falhas e promessas não cumpridas das mesmas, culpando ao mesmo tempo as elites tradicionais e medos insustentados da inserção social. O que se observou foi o aumento das disparidades sociais, também numa lógica norte-sul, o bilhão de pessoas mais pobres, população de pobreza extrema e assolada pela fome, e os trabalhadores de classe média e média baixa do Ocidente foram amplamente afetados (expansão tecnológica, competição de mercado, redução de direitos trabalhistas), enquanto os mais ricos ficaram mais ricos e a classe média e média baixa dos países em desenvolvimento gozou de maior acesso ao consumo; isto ajuda a compreender porque discursos de Trump contra mexicanos tem grande força. Trump, populista de direita, tem força no movimento sociocultural reacionário de pessoas com maior idade e trabalhadores menos qualificados, que antes eram

dominantes, e se sentiram ameaçados com o avanço da diversidade cultural e dos valores cosmopolitas do modelo social da globalização (SANAHUJA, 2019).

Além da insurgência contra segmentos mais marginalizados socialmente, Donald Trump, também adotou uma estratégia de atacar o establishment, ou correntes tradicionais e na vida política e que desfrutava de certa estabilidade. Ao recorrer a estes ataques era retroalimentado pela insatisfação advinda com a baixa resposta social dos custos resultantes da crise de 2008. Sua narrativa anti-elite não se traduz somente em ataques a sobrenomes conhecidos da política estadunidense, mas também a especialistas que por obterem conhecimento científico foram categorizados numa escala superior, o que proporcionou popularidade a tweets, notícias hiperbólicas e *fake news*. O discurso elitista de correção política, ao invés de integrar, excluiu camadas mais simples da res publica.

Quando Trump foi eleito houve uma pesquisa feita pelo jornal The Washington Post em 2017, onde os eleitores republicanos foram questionados sobre a vitória presidencial popular em 2016, destes 47% afirmaram que Trump ganhou no voto popular, 68% disseram que milhões de imigrantes ilegais tiveram acesso ao voto em 2016 e mais da metade dos entrevistados afirmaram não haver problema em adiar as eleições de 2020 até que problemas, como voto dos imigrantes ilegais (KAKUTANI, 2018).

Ainda, a narrativa anti-elite e anti-“outros”, mostrou-se até mesmo na restrição de uso de palavras. Em 2017, também em reportagem do The Washington Post, o Center for Disease Control And Prevention (CDC), uma das maiores agências de saúde dos Estados Unidos, foram proibidos de utilizarem sentenças com *vulnerable* (vulnerável), *entitlement* (direito), *diversity* (diversidade), *transgender* (transgênero), *fetus* (feto), *evidence-based* (baseado em evidências) e *science-based* (baseado em fatos científicos)<sup>9</sup>. Até que em 2020 chegou a pandemia da COVID-19.

## 1.7 O INÍCIO DA PANDEMIA NOS ESTADOS UNIDOS

O primeiro caso de COVID-19 registrado nos Estados Unidos foi em 21 de janeiro de 2020, sendo uma residente de Washington que havia retornado de Wuhan, na China, seis dias antes, neste mesmo mês a Organização Mundial da Saúde (OMS) confirmou que o vírus era transmissível por humanos. Em fevereiro o governo Trump anunciou a

---

<sup>9</sup>SUN, L; EILPERIN, J. *CDC gets list of forbidden words: Fetus, transgender, diversity*. **The Washington Post**. Washington, 15 dez. 2017. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/national/health-science/cdc-gets-list-of-forbidden-words-fetustransgender-diversity/2017/12/15/f503837a-e1cf-11e7-89e8-edec16379010\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/national/health-science/cdc-gets-list-of-forbidden-words-fetustransgender-diversity/2017/12/15/f503837a-e1cf-11e7-89e8-edec16379010_story.html)>. Acesso em: 16 nov. 2021.



primeira medida de proteção, declarando ser uma questão de emergência de saúde pública e barrando a entrada de estrangeiros que estiveram na China<sup>10</sup>.

No começo de março um navio de cruzeiro que aportou na Califórnia teve 21 casos confirmados, menos de uma semana depois a OMS declarou o contágio como pandemia. Ainda em março, Trump declarou emergência nacional, aprovou o *Coronavirus Aid, Relief, and Economic Security (CARES) Act*, liberando um fundo de US\$2 trilhões para hospitais, pequenos negócios, governos estaduais e municipais. Também foi neste mês que se iniciaram testes de tratamento com hidroxicloroquina e foi liberado o uso do medicamento em hospitais. Política contrária à de seu antecessor, acusado de globalista e despreocupado com interesses estadunidenses, Trump adotou uma política externa caracterizada por iniciativas unilaterais. Estas iniciativas e liberações de verba foram acatadas com muito custo, visto que já em abril, os Estados Unidos passaram a ter o maior número de casos de infecção (mais de 766.200) e de mortes (aproximadamente 41 mil) no mundo e também chegou a quase dois mil óbitos em 24 horas<sup>11</sup>.

Anthony Fauci, diretor do National Institute of Allergy and Infectious Diseases, foi chamado para compor uma força tarefa da Casa Branca de combate à pandemia. Ele testemunhou no Senado sobre os perigos de suavizar o distanciamento social e que a vacina seria eficaz e alcançada em um ou dois anos. Segundo notícia do jornal britânico BBC, o vice-presidente Mike Pence, deu declarações em junho dizendo que os noticiários exageraram o teor da doença<sup>12</sup>. Mas neste mês a doença já passava da casa dos dois milhões de infectados e saiu um estudo da revista *Science Translation Medicine*, onde apontava que 80% dos pacientes que procuraram assistência médica com sintomas de gripe em março estavam infectados com o novo Coronavírus<sup>13</sup>.

Para encerrar o capítulo, foi nesta época também que as movimentações sociais do *Black Lives Matter* ganharam projeções massivas após o assassinato de George Floyd por um policial em Mineápolis em 25 de maio de 2020. Deste modo o próximo capítulo busca compreender movimentações sociais em meio a pandemia, negacionismo e porque este seguiu

<sup>10</sup>AJMC Staff. *A timeline of COVID-19 developments in 2020*. **AJMC**. (s.l), 1 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.ajmc.com/view/a-timeline-of-covid19-developments-in-2020>>. Acesso em: 20 nov. 2021

<sup>11</sup>G1. Mortes por Covid-19 nos EUA passam de 40 mil. **Globo**. (s.l), 19 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/19/mortes-por-covid-19-nos-eua-passam-de-40-mil.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

<sup>12</sup>HILLS, M. Coronavírus nos EUA: 4 gráficos que mostram por que a pandemia de covid-19 não está controlada. **BBC**. (s.l), 22 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53137480>>. Acesso em: 21 nov. 2021

<sup>13</sup>AJMC Staff. *A timeline of COVID-19 developments in 2020*. **AJMC**. (s.l), 1 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.ajmc.com/view/a-timeline-of-covid19-developments-in-2020>>. Acesso em: 20 nov. 2021

sendo alimentado.

## **CAPÍTULO 2. IDEOLOGIA, ELEITORADO TRUMPISTA E NEGACIONISMO: O AVANÇO DA PANDEMIA NOS E.U.A**

### **2.1 IDEOLOGIA E DISCURSOS DE DONALD TRUMP**

O eleitorado de Trump é fortemente motivado por questões ideológicas, valorativas e morais. Segundo Gries e Yam (2019), o papel ideológico é cada vez mais imprescindível para compreender os fenômenos no sistema internacional, pois operam no nível do indivíduo, influenciam no campo das relações internacionais através da política externa dos Estados e assim no Sistema Internacional (estrutura micro-macro) pelas elites que tomam decisões e opinião pública. Ideologias são teorias ou sistemas de crenças não de identidades e chegam até o nível estatal, o das políticas externas, mas identidades estão no campo de análise de política externa. Através do espectro ideológico é possível compreender os níveis social, econômico e político.

A importância de utilizar ideologias, no campo da psicologia política, para as relações internacionais se dá pelo fato destas unirem pessoas de diferentes nações em visões de mundo (GRIES e YAM, 2019). Também porque estas moldaram o século XX através dos conflitos entre Liberalismo, Fascismo e Comunismo. A cisão entre liberais e conservadores difere fundamentalmente na visão da natureza humana onde os primeiros creem na bondade do homem e os segundos na natureza corrompida tendo a necessidade de leis e tradições para proteger-nos.

O primeiro comentário de Donald Trump sobre a Covid-19 foi em uma entrevista à CNBC, em 22 de janeiro de 2020, onde respondeu o entrevistador, Joe Kernan, sobre a possibilidade da doença se tornar uma pandemia com “Não, nenhum pouco. E, nós temos, nós totalmente temos sob controle. É somente uma pessoa vindo da China, e nós temos tudo sob controle. Vai ficar tudo bem” (KERNAN, 2020 apud RUTLEDGE, 2020).

Uma semana depois o chefe do Programa de Emergências Sanitárias da OMS, Dr. Mike Ryan, declarou que era momento de o mundo estar preparado para uma epidemia, o que se seguiu da parte de Trump foi uma série de discursos diminuindo a gravidade dos casos descobertos em solo estadunidense. Porém, segundo relatório de novembro de 2019, a CIA já tentava alertar a presidência sobre o vírus (RUTLEDGE, 2020).

Em fevereiro, enquanto retornava de uma viagem à Índia, declarou em seu Twitter

"*Fake news* de pouca qualidade...estão fazendo todo possível para fazer o Caronavírus (doença) parecer o pior possível, incluindo causar pânico nos mercados, se possível". Uma de suas atitudes foi banir pronunciamentos públicos de organizações de saúde pública sem consentimento do escritório do vice-presidente, Mike Pence (DYER, 2020).

Em março de 2020, tendo início do contágio do novo Coronavírus em janeiro, os estados que mais tiveram casos foram Nova York (20,1%), Washington (18,4%) e Califórnia (12,2%). As medidas presidenciais tomadas a partir da declaração de emergência nacional de Trump foram para evitar aglomerações, tendo fechamento de escolas, bares, restaurantes, cancelamento de eventos públicos e encontros com mais de cinquenta pessoas, crescimento de ensino e trabalho remoto (GONSALVES, 2020).

Porém as precauções recomendadas pelos escritórios de saúde pública estadunidenses foram toleradas por poucos dias, quando em 24 de março, Donald Trump declarou em rede nacional para Fox News que gostaria que "Adoraria ter o país aberto e ansioso para ir (na igreja) na Páscoa"<sup>14</sup> e antes disso, no dia 22, declarou em seu perfil oficial no Twitter "Não podemos deixar que a cura seja pior que o problema"<sup>15</sup>.

Anthony Fauci, imunologista diretor do NIAID, parou de dar atualizações diárias sobre a pandemia. Ele que foi diretor do instituto por quase quarenta anos viu seu papel durante a pandemia ameaçado devido suas declarações abertas contra a hidroxicloroquina, medicamento defendido por Trump, utilizado por pacientes com lupúlus e artrite reumatoide. Em 22 de março, em entrevista para a revista Science, Fauci declarou que os conselhos públicos de Trump foram "expressos numa maneira que eu não expressaria, por que poderia levar a alguns mal-entendidos".

No mesmo dia um casal de idosos do Arizona foram internados após ingerirem fosfato de cloroquina, um componente parecido com a medicação, mas utilizada para limpeza de tanques de peixes. Levando a morte do homem e a mulher ficou em estado crítico (DYER, 2020). Daniel Brooks, diretor médico do centro de estudos Banner Poison and Drug Information, do hospital no Arizona, declarou sobre o caso "Dada a incerteza em torno do Covid-19, entendemos que as pessoas estão tentando encontrar novas maneiras de prevenir ou tratar esse

---

<sup>14</sup>LIPTAK, K. Trump says he wants the country 'opened up and just raring to go by Easter,' despite health experts' warnings. CNN. (s.l), 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2020/03/24/politics/trump-easter-economy-coronavirus/index.html>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

<sup>15</sup>HABERMAN, M.; SANGER, D. Trump says Coronavirus cure cannot 'be worse than the problem itself'. **The New York Times**. Nova Iorque, 23 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/03/23/us/politics/trump-coronavirus-restrictions.html>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

vírus, mas a automedicação não é a maneira de fazê-lo"<sup>16</sup>.

Após a declaração para Science, Fauci esteve ausente nas duas comitivas de imprensa seguintes, Trump foi questionado sobre e depois houve o retorno do imunologista. Também quando perguntado sobre a opinião de Fauci sobre a reabertura da economia, Trump disse "Ele não concorda" e ainda "Se dependesse dos médicos, eles poderiam dizer feche o mundo inteiro"(DYER, 2020).

As declarações presidenciais para a Fox ainda foram referentes à taxa de mortalidade da SARS-Cov-2, comparando-a com acidentes em estradas e também a grande pandemia de 1918, onde disse "Aquela era uma gripe que se você pegasse, você tinha uma chance de 50- 50% ou muito perto de morrer", mas na realidade a taxa da mortalidade daquela pandemia era de 2,5%. (DYER, 2020).

Ainda sobre a hidroxicloroquina houve um episódio em que Donald Trump e seu filho, Donald Trump Jr., retweetaram um vídeo postado pelo perfil do site de direita Breitbart, onde havia uma médica, Stella Immanuel, declarando que o medicamento era a cura para o vírus e como era desnecessário o uso de máscaras. Este post em questão foi removido pelo Twitter, Facebook e YouTube, sendo que a justificativa do primeiro foi por violação a política de desinformação de covid-19. Sobre a médica, esta também é pastora e sua igreja e seu consultório ficam localizados num centro comercial no Texas (TANNE, 2020).

Muitos destes protestos foram organizados por grupos de ativistas de direita pelo Facebook, os irmãos Dorr, defensores dos direitos ao armamento fundaram vários deles, para os estados da Pensilvânia, Ohio, Wisconsin e Nova York. Figuras conhecidas e tradicionais do Partido Republicano também estiveram envolvidas nestes protestos, como a família DeVos, que ajudou organizar o evento no Michigan e cujo sobrenome ocupava o cargo de Secretária da Educação de Trump, com Betsy DeVos. Apesar do tamanho, Michigan, era o terceiro estado com mais fatalidades por covid-19 em abril de 2020 (2468 mortos) (DYER, 2020).

O discurso de Donald Trump além de menosprezar a potencialidade do vírus tornar-se pandêmico em solo estadunidense ainda ressaltava uma superioridade nacional em suas falas. No dia 11 de março disse "O vírus não terá uma chance contra nós. Nenhuma nação é mais preparada, ou mais resiliente, do que os Estados Unidos"<sup>17</sup>. Sua fala ressaltando o excepcionalismo estadunidense também se refletiu no posicionamento em relação à OMS,

---

<sup>16</sup>BEASLEY, D. Arizona man dies after taking chloroquine for coronavirus. **Reuters**. (s.l), 23 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-usa-chloroquine-idUSKBN21A3Y2>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>17</sup>COLETIVA de imprensa de Donald Trump. Washington, E.U.A. 2020. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=g0xvr7IXfvM>>. Acesso em 23 nov. 2021.

quando recusou kits de testagem da organização, após isso o CDC desenvolveu um teste próprio, que eram falhos, atrasando a verificação da população.

Um dos casos mais proeminentes foi em uma das comitivas da Casa Branca, no dia 23 de abril de 2020, onde após a exposição de uma pesquisa conduzida por Bill Brayan do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos, sobre impossibilidades do vírus sobreviver em ambientes quentes e úmidos, Trump sugeriu a possibilidade de estudos que conduzissem luz para o interior do corpo humano, como a ultravioleta, e ainda a possibilidade do uso de desinfetante, que segundo ele “(...) elimina tudo em um minuto”, através de injeção interna ou limpeza<sup>18</sup>.

O negacionismo também atingiu as instituições públicas de saúde, em agosto de 2020, foi postado no website oficial da CDC um guia que desaconselhava testagem em pessoas assintomáticas. Em reportagem do New York Times foi revelado que tal postagem não foi escrita por cientistas da instituição e publicada mesmo com objeções destes (YAMEI, 2020).

As *fake news* sempre estiveram presentes na história da comunicação humana, porém desde a criação das redes sociais seu uso e propagação aumentaram em níveis impressionantes. Um estudo de Kalsnes (2018) demonstra que desde a primeira eleição de Donald Trump até o primeiro ano de seu governo (2016-2017), o uso do termo aumentou em 365%. O real perigo deste tipo de conteúdo é a possibilidade de manipulação da opinião pública, afetando o mundo real: “Manipulação da mídia pode contribuir para diminuir credibilidade da mídia mainstream, aumentando desinformação, e mais à frente radicalização” (WARWICK & LEWIS APUD KALSNES, 2018, p.2).

Devido ao grande número de estudos existentes sobre definição de *fake news*, neste trabalho utilizaremos a referência de Kalsnes (2018), que caracteriza três elementos para se referenciar ao fenômeno: o formato das notícias; o grau de falsidade e a intenção por detrás destas. Notícias criadas por uma entidade política para influenciar ou induzir a percepção pública ao erro, são descritas como propaganda. Esta pode basear-se parcialmente em fatos para promover uma perspectiva particular. Também há o fenômeno de fabricação de notícias, que apesar de não possuir veracidade, imita o formato de artigos de notícias para criar legitimidade, geralmente com intuito de enganar o leitor por razões políticas e/ou financeiras. (KALSNES, 2018).

---

<sup>18</sup>DARTUNORRO, C. Trump suggests 'injection' of disinfectant to beat coronavirus and 'clean' the lungs. **NBC**. (s.l), 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/politics/donald-trump/trump-suggests-injection-disinfectant-beat-coronavirus-clean-lungs-n1191216>>. Acesso em 23 nov. 2021.

Os estudos sobre *fake news* tem se concentrado na motivação para criação destas, pois a partir desta identificação podemos combatê-las. As motivações são divididas em três categorias principais: política, financeira e social. *Fake news* voltadas para o âmbito político são nomeadas de propaganda, uma vez que a definição esta é de moldar percepções afim de beneficiar o propagandista; narrativas estratégicas, afim de articular opiniões e ações dentro de determinada pauta e de operações de informação, termo utilizado pelo Facebook para designar atores que agem de modo a distorcer política doméstica ou internacional para atingir um benefício estratégico e/ou geopolítico. (KALNES, 2018).

Com o avanço da tecnologia da informação têm se tornado uma tarefa cada vez mais difícil para jornalistas, sociedade civil e instituições democráticas identificarem e combaterem notícias manipuladas. O fato da tecnologia da informação estar em constante evolução conjuntamente com a definição de comunicação de James Carey (1989), que é a "representação de crenças compartilhadas- comunicação agrupa pessoas conjuntamente em parcerias e similitudes", ajuda a explicar a massiva propagação das fake news, que através de likes e compartilhamentos vai se retroalimentando (KALSNES, 2018).

Segundo Kalsnes (2018), a democratização da produção de conteúdo online descentralizou o papel do controle informacional das mídias tradicionais de notícias, as redes sociais então passaram a ocupar um grande espaço no acesso à informação dos usuários, porém ao mesmo tempo facilitou a produção de *fake news*. A grande disponibilidade de *fake news* facilita a confusão dos usuários, segundo pesquisa de Ahlin e Benler (2017) realizada nos Estados Unidos, 88% dos entrevistados responderam que as *fake news* os fizeram se sentir muito ou de alguma forma confundidos sobre fatos básicos; apenas 34% dos consumidores de notícias nos E.U.A disseram que estas podem ser confiadas na maioria das vezes (NEWMAN et al, 2017 apud KALSNES, 2018), ainda, numa análise partidária, apenas 14% dos eleitores republicanos contra 51% dos democratas confiam na mídia de massa (SWIFT, 2016 apud KALSNES, 2018). No período aproximado de 2017 a 2018, Donald Trump falou 181 vezes sobre fake news em seu perfil oficial no Twitter (KALSNES, 2018).

Logo no início da pandemia o Diretor Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Dr. Tedros Adhanom disse na Conferência de Segurança de Munique "Nós não estamos só combatendo uma epidemia, nós estamos combatendo uma infodemia" (OMS, 2020 apud PATINO, 2021). Segundo Atehortua e Patino (2021), a proliferação das fake news se deu pela interação de dois domínios: tecnologia e literatura da saúde. O que ajudou na erosão da credibilidade das autoridades da saúde e promoveu um discurso negacionista. Segundo pesquisa de Vosoughi (2018), notícias falsas podem alcançar até seis vezes mais

indivíduos do que fatos. Este fato também se deu pela falta de conhecimento em literatura médica e/ou pensamento crítico necessário no processo de compartilhar ou não conteúdos relacionados à saúde.

No período compreendido entre o início de fevereiro e fim de março de 2020, uma pesquisa quantitativa realizada por Atehortua e Patino, rastreou e localizou fake news nas principais redes sociais (Facebook, Whatsapp, Twitter, YouTube entre outras) em diversos países do mundo e resultou com os E.U.A sendo os maiores distribuidores de *fake news* sobre coronavírus do globo, com 25,4% do total, seguido por Espanha, com 11,4% (ATEHORTUA; PATINO, 2021).

Indivíduos com grande influência podem afetar decisões públicas e poder de compra. Também podem alterar conteúdo, sentimento e atenção do público através das mídias sociais para disseminar informação. Donald Trump é uma das pessoas que antes de se tornar presidente já gozava do status de celebridade, ao ser um daqueles tidos como "*self-made man*", homem que contruiu fortuna sozinho, e ao chegar no cargo de presidência teve sua influência ainda mais projetada. Segundo estudo realizado por Niburski e Niburski (2021), que investigou a quantidade de pesquisa por medicamentos e supostos tratamentos citados por Trump em aparições públicas em canais de televisão e declarações em redes sociais, descobriu que houve um aumento substancial de pesquisas e compras de medicamentos após declarações do presidente. Os medicamentos em questão eram hidroxicloroquina, cloroquina, remdesivir e azitromicina.

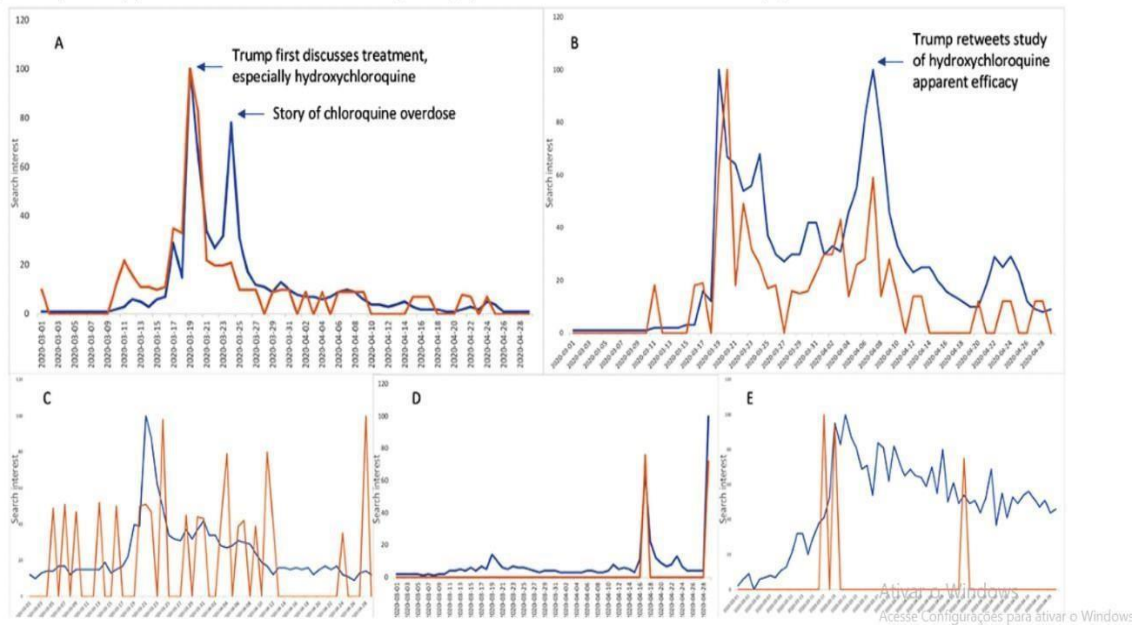
Entre um de março e trinta de abril, durante aparições na CNN, C-SPAN, Fox News, MSNBC e BBC News, Trump citou os medicamentos 65 vezes, sendo 37 sobre hidroxicloroquina. No mesmo período tweetou sobre azitromicina e hidroxicloroquina dezoito vezes, tendo no dia 21 de março o maior alcance com mais 385 mil likes e mais de 103 mil retweets, gerando um alcance aproximado de 78,8 milhões (número de indivíduos alcançados pelo tweet).

Neste mesmo período as buscas pelos medicamentos aumentaram, assim como as compras destes através da Amazon, como as figuras abaixo demonstram respectivamente:



Figura 5 Picos de Pesquisas de Medicamentos em relação às declarações de Donald Trump

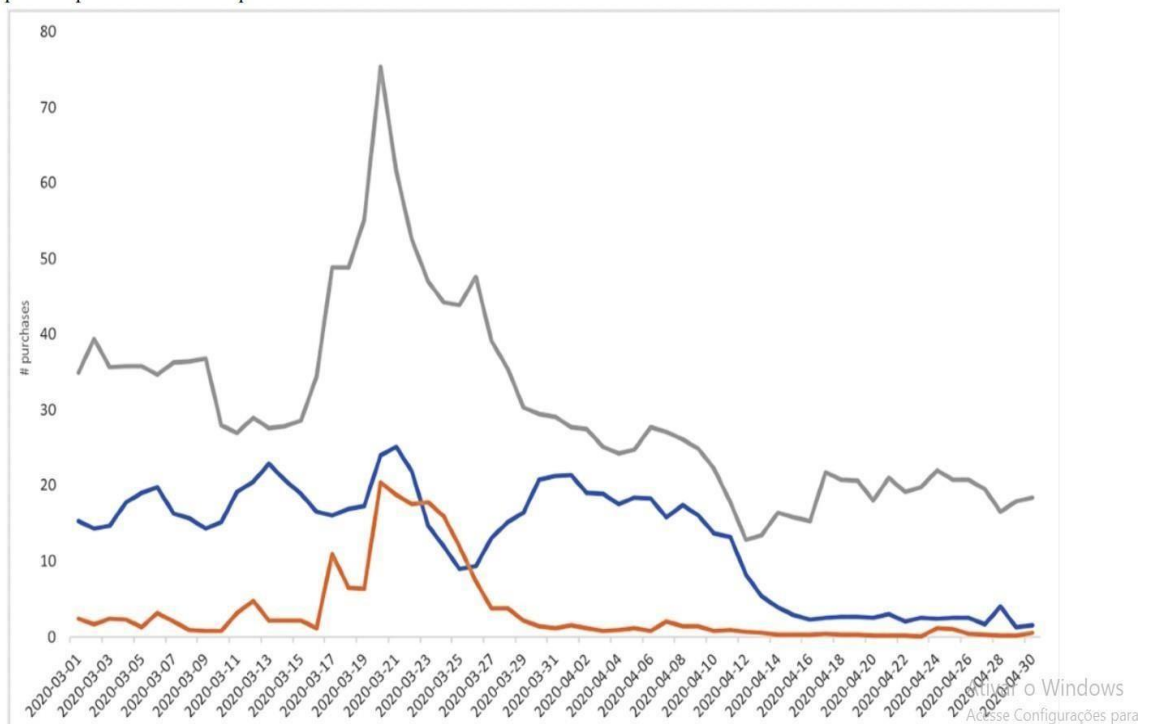
Figure 2. Google searches (blue line) for and purchases (orange line) of keywords. (A) Results for the term "chloroquine." (B) Results for the term "hydroxychloroquine." (C) Results for the term "azithromycin." (D) Results for the term "remdesivir." (E) Results for the term "covid treatment.".



Fonte: NIBURSKI & NIBURSKI, 2021, p. 5

Figura 6 Número de compras de hidroxicloroquina, cloroquina e azitromicina nas datas em que Donald Trump fazia declarações

Figure 3. Amazon purchases of alternate therapies. Grey represents purchases of hydroxychloroquine, blue represents purchases of azithromycin, and orange represents purchases of chloroquine.



Fonte: NIBURSKI & NIBURSKI, 2021, p. 6

Como demonstrado nas figuras, as declarações de Donald Trump tiveram efeito sob ostelespectadores e em seus seguidores nas redes sociais, resultando numa maior procura e venda de medicamentos sem eficácia científica comprovada para o combate ao novo Coronavírus, demonstrando como figuras da mídia, ainda, neste caso, uma figura do poder público podem atuar no revés das indicações da comunidade científica.

## 2.1 A AUTO-ILUSÃO E O DISCURSO, COMO DONALD TRUMP MANTEVE SUA BASE ATRAVÉS DO NEGACIONISMO

Esta seção do capítulo dois se dedica a discorrer acerca de alguns fenômenos sociais e seus vieses psicológicos e, como algumas teoria e interpretações sobre os mesmos nos auxiliam neste exercício interpretativo sobre o período Trump à frente do governo dos EUA.

Visamos entender como discursos extremistas e excludentes ganharam proporções antes (de Trump) inimagináveis na arena política estadunidense. Mas, nesta oportunidade, vamos um pouco mais além do debate construtivista que já realizamos anteriormente. Como explicado na seção anterior, o próprio construtivismo banhou-se no campo da psicologia para pensar como atores desenvolvem seus discursos, identidades e a formação do “outro”; deste modo os efeitos aqui apresentados trazem uma perspectiva do resultado de bombardeio destas *fake news* no sujeito “comum” (veja que aqui o recorte é irônico, pois justamente essa exclusão das não-elites da vida política que ajudou a conformar o atual cenário), que como demonstrado ao longo do trabalho é parte indissociável da política.

É dessa maneira que pretendemos trazer mais elementos para nos auxiliarem a compreender o fenômeno político recente e os processos sociais que se configuram na experiência trumpista de uma maneira mais geral. Assim, chamaremos atenção para três questões, três possibilidades de interpretação que aqui se somam, a auto ilusão; e os efeitos, Dunning- Krueger e Rashomon, respectivamente.

Em 2019, foi publicado, através de um estudo que Donald Trump contava uma média de vinte e duas mentiras diariamente (KESSLER, RIZZO, & KELLY, 2019 apud FROEHLICH, 2019). Isso nos ajuda a entender como esta nova faceta do populismo reacionário, do qual Trump é um importante exemplo. Isto nos leva a entender o papel do campo informacional e comunicacional. Contribui para este debate, um estudo de Froehlich (2019) para quem uma Terceira Guerra Mundial, tenha sido iniciada no campo da informação (*InfoWar*) esteja em curso. Isto quer dizer que estamos diante de uma batalha no campo da comunicação que permite respaldar decisões políticas com justificativa cientificamente

comprovada, ou amparada em fatos e valores democráticos, bem como, em contrapartida vislumbramos decisões políticas de igual ou maior importância e impacto sendo alcançadas por uma massiva disseminação de desinformações e mentiras, a verdadeira era da pós-verdade. Situações estas, que visando o exercício hegemônico do poder, sugerem soluções simplistas para problemas complexos, facilitando o acesso e manutenção de políticas advindas de líderes autocratas com tendência e perfil fascistoide.

O que estamos acompanhando e verificamos nos anos de governo Trump, foram um mar de notícias falsas, plantadas pela direita, notícias estas geralmente criadas por sites que não seguem as normas ou a ética jornalística, enquanto por outro lado mídias que são do establishment e trazem consigo o grau jornalístico propagam tais notícias sem teor crítico. As *fake news* tem fácil propagação pelo teor de conhecimento que supostamente carregam. Há dois tipos de conhecimento, o primário e o secundário. Aquele que podemos observar ou provar e aqueles que adquirimos através das pessoas, respectivamente. O secundário é aquele que mais carregamos em nossa trajetória (FROEHLICH, 2019).

Froehlich (2019) descreve Donald Trump como alguém que crê ser uma autoridade cognitiva, sendo esta definida por e requiere: aquela pessoa que possui certa credibilidade; que possui muito ou pouco conhecimento sobre tal área; como o sujeito se encontra em relação a área de interesse (especialista ou conhecimento geral); a existência de duas pessoas, aquela que possui conhecimento sem ser especialista e aquela com este caráter e finalmente que existem classificações de perícia que não são relacionadas ao conhecimento, estas que podem não justificar a qualificação da autoridade cognitiva.

A auto-ilusão (*self-deception*) não é uma forma de informação falsa, mas sim um método de utilizá-la. Ela ajuda o indivíduo a fazer com que outros creiam que ele é mais entendido sobre tal pauta do que ele realmente é, o que ajuda a compreender a base apoiadora de Donald Trump. (FROEHLICH, 2019).

Informação tendenciosa é uma forma de auto-ilusão, com ela o indivíduo baseia-se em uma perspectiva e rechaça demais pontos de vista, e as pesquisas são direcionadas ao espectro eleito (Hippel e Trivers, 2004 apud FROEHLICH, 2019). A auto-ilusão é um comportamento socializado e um socializante ao mesmo tempo. As pessoas buscam sustentar a própria auto-ilusão através de quatro meios: buscar pessoas com mesmo pensamento; evitar pessoas que discordam.; tentar convencer outros de sua posição e reter informação que os contradiz (DINGS, 2017 apud FROEHLICH, 2019).

Existe a auto-ilusão coletiva, um processo onde o grupo absorve e propaga falsas crenças, reforçado pelos elementos destas e os resultados coletivos (DeWeese-Boyd, 2016 apud

FROEHLICH, 2019). No caso de Donald Trump, ele e seus apoiadores através de discursos de mudança do status quo alimentados por mídias que sustentam esta posição (como Breitbart e Fox News).

Thomas Pettigrew realizou um estudo sobre aspectos psicológicos dos apoiadores de Trump, chegando ao resultado de que muitos são atraídos a figuras autoritárias. A visão autoritária do mundo percebe este como um lugar perigoso, segundo o mesmo o autoritarismo geralmente começa com uma orientação pessoal e leva a um engajamento político à direita (PETTIGREW, 2017).

Canais de notícias de televisão são uma autoridade cognitiva, segundo Media Bias/FactCheck a Fox News é tida como mídia de direita. Durante as eleições de 2016 a rede era a fonte de notícia de 40% dos eleitores de Trump (Pew Research Center, 2016 apud FROEHLICH, 2019). Ainda, segundo pesquisa do Politifact (2018), estimou uma porcentagem das declarações da emissora dividindo as em verdade, majoritariamente verdade, meia-verdade, majoritariamente falso, falso e muito falso; o resultado foi que 59% das declarações eram menos de meia-verdade (FROEHLICH, 2019).

Já no que diz respeito ao efeito Dunning-Krueger este parte do princípio de que indivíduos com baixos níveis de competência tendem a julgar suas capacidades acima do que elas são, e de que indivíduos com maiores competências tendem a subestimar-se, isto porque há uma diferenciação entre os chamados “*known unknowns*” (conceitos, habilidades ou experiências que o indivíduo está familiarizado porém não os domina) e os “*unknown unknowns*” (fatos que se desconhecem completamente) (ANSON, 2018).

Segundo Anson (2018), o efeito influencia no campo do conhecimento político pois este informa a utilidade social percebida de se engajar em discussões políticas, a necessidade de procurar conhecimento adicional de fontes preteridas e ainda de adotar posições ideologicamente extremas. Ainda, que cidadãos superconfiantes, tradução literal, podem sentir-se encorajados a expor suas opiniões políticas nas suas redes sociais e resistir contra-argumentos persuasivos.

Esta “superconfiança” ainda pode levar que a um julgamento no conhecimento político dos demais, o partidarismo tem grande responsabilidade neste sentido, pois leva indivíduos a aceitarem mais facilmente ideias de sua base ideológica e discordarem com mais afinco opiniões de oposição (ANSON, 2018). Anson (2018) cita que esta resistência de admitir baixa aptidão em assuntos políticos é devida que essas carências são socialmente indesejáveis.

Analisando num contexto partidário, Anson (2018) escreveu que houve um

aumento na chamada “*negative partisanship*”, um reforço de estereótipos partidários que aumenta a hostilidade com a oposição, isto se deve ao fato de que indivíduos ingressarão a um espectro ideológico se sentirem que sua identidade partidária é significativa para uma interação social particular, o que também leva a uma maior resistência a uma autoanálise partidária.

Dunning (2011) explica que existe a "meta-ignorância" quando indivíduos desconhecem sua ignorância (ignorância da ignorância), o que os leva a não somente a produzir erros, mas também os impede de reconhecer porque estão errando e reconhecer porque outras pessoas estão escolhendo melhor.

O problema está no déficit de saberes que influenciam o cotidiano do indivíduo, por exemplo, um estudo do The Institute of Medicine de (2004), demonstrou que mais de 90 milhões de pessoas nos Estados Unidos tem dificuldade de compreender e seguir informações de saúde, ingerindo remédios de forma errada ou de maneira que diminuía sua efetividade (KINDIG et al 2004 apud DUNNING, 2011).

No que se refere a política de vacinação, Donald Trump, logo em 2017 elegeu Robert Kennedy Jr., um cético de vacinas, para uma cadeira no painel administrativo de segurança de vacinas. Em 2018, o Conselheiro de Segurança Nacional de Trump, Jon Bolton, desmantelou a seção voltada para trabalhar respostas à pandemias do Conselho Nacional de Segurança (CNS), mesmo com objeções de Luciana Borio, diretora do time de preparação médica e biodefesa do CNS, que alertava que uma pandemia gripal era a maior ameaça da segurança da saúde nacional. Segundo Sylvester et al (2018), aproximadamente um terço dos adultos nos Estados Unidos são contra vacinas obrigatórias para ingressar em escolas públicas e menos da metade acredita que os cientistas entendem "muito bem" os efeitos na saúde da vacina tríplice viral (vacina antissarampo, parotidite e rubéola), tendo culpa desinformações que conectam a temática desta vacina com o autismo. Segundo os autores, conhecimento limitado e desinformação sobre vacinas ocupam um papel vital nas atitudes do público, como há fácil acesso a desinformações há um aumento no ceticismo científico e desprezo por evidência científica. Essas desinformações sustentam teorias da conspiração que alegam um complô entre governos e as indústrias farmacêuticas para atingir objetivos financeiros e políticos, com um suposto encobrimento dos efeitos das vacinas. Segundo estudo conduzido por Rabinowitz et al (2016), liberais são mais dispostos a apoiar ações pró-vacina do que conservadores. Ainda segundo Sylvester et al (2018), baixos níveis de educação e maior nível de comparecimento a compromissos religiosos são associados com ceticismo da vacina, demonstrando que ideologia e educação influenciam na vacinação.

Segundo estudo conduzido por Pullan e Dey (2021), utilizando Google Trends, pesquisas sobre vacinas para combater o Coronavírus durante a pandemia mantiveram-se em alta, com picos de procura relacionados a declarações públicas, aumento significativos de casos ou quando avanços vacinais são descobertos. Do mesmo modo pesquisas de teor anti-vacina também cresceram, com os movimentos anti-vacina utilizando retóricas emotivas e anedóticas. Ainda segundo os mesmos autores, pesquisas que relacionavam vacina com termos anti-vacina ("*mercury*" e "*autism*") eram majoritariamente provenientes dos Estados Unidos.

Além disso, chamamos atenção para efeito Rashomon cujo nome é proveniente da obra cinematográfica de Akira Kurosawa, de 1950, neste filme é retratada a história de um lenhador, um sacerdote e um camponês que buscam abrigo de uma tempestade e iniciam um diálogo que conta uma desventura através de quatro diferentes narrativas.

Dentro do espectro político utilizamos a análise de Anderson (2016) que define que este efeito, das diferentes narrativas que parecem plausíveis, não ocorre em qualquer lugar, ele acontece onde interesses, cultura e poder se convergem para fixar nossa atenção em determinado objeto e exigirmos explicações, ainda, quando elementos de autoridade (em seu texto cita um juiz e nesta análise, o ex-presidente estadunidense Donald Trump) estão envolvidos as expectativas destas explicações devem ser mais tangíveis.

O primeiro passo do efeito, segundo Anderson (2016), é induzir o expectador a dúvida de seu próprio julgamento, e logo, incitar dúvida sobre os outros. O processo em si é social, comunicativo. Respostas são esperadas por pressão social de ouvintes e observadores. Para este trabalho é importante compreender que essa necessidade de respostas (por pressão social) e as diferentes narrativas é o que levou Donald Trump a "tweetar" e sugerir soluções "fáceis" sem um fundo plausível, mas que o fez ganhar destaque frente as insatisfações populares advindas com a crise da globalização, marcada profundamente pela crise financeira de 2008.

Populismo é uma ideologia precisamente centrada que divide a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos, pessoas puras contra elite corrupta, e argumenta que política deveria ser uma expressão da vontade geral do povo. Sendo elite, aqueles que oprimem o povo e procuram minimizar seus direitos e voz (MUDDE 2004, 2013 apud CERVI et al, 2021).

As redes sociais ajudam a estender a relação entre mídia social e o populismo, pois ajuda figuras populistas a promoverem uma captação jornalística hostil e a taxar a mídia do mainstream como parte da elite. Com conteúdo simples e comunicação emotiva derruba bases da política tradicional como formalidade e moderação, de encontro com dinâmicas discursivas, com elementos emocionais e visão dicotômica simples do mundo dos populistas

(CERVI et al, 2021).

Segundo Lee (2020), agnotologia é o estudo da ignorância ou dúvida culturalmente induzida, para espalhar confusão e engano. No mundo da pós-verdade e das informações instantâneas podem facilmente nos conduzir a um falso senso de conhecimento. Segundo Lee (2020) a abordagem agnotológica menospreza o valor da experiência enquanto apela para argumentos emocionais, levando o sujeito a atuar contra seus melhores interesses e direcionando contradição para sobrecarregando evidências factuais para a o contrário. Como as passeatas contra o distanciamento social que carregava consigo um apelo à liberdade do indivíduo.

Segundo Kelly et al (2020) Trump como figura de autoridade é buscado para informações durante crises, sua atitude de diminuir o risco da pandemia é absorvida por seus espectadores. Além de ser figura de poder, é uma figura da mídia, e sua influência se destaca pelas relações parassociais, aquelas entre pessoas reais e figuras midiáticas, sendo uma comunicação via única, já que não há diálogo.

As pessoas que mais se conectaram com Trump foram aquelas que se identificaram com gênero e atitudes. Aquelas com relações parassociais mais fortes com Trump são homens e republicanos, estes são mais dispostos a acreditar que os métodos empregados por Trump para resolução de problemas são corretos, também quanto maior a relação parassocial com Trump maior a probabilidade dos indivíduos acreditarem que suas atitudes e comportamentos em relação à Covid-19 são corretas. Segundo a pesquisa, pessoas com mais identificações com a marca "Trump", assim com sua retórica diminutiva da pandemia, são aquelas com menos chances de buscarem informações adicionais sobre a pandemia (KELLY et al, 2020).

Segundo estudo conduzido por Fuentes e Peterson (2021), a conta oficial de Donald Trump no Twitter (@realdonaldtrump) foi uma das fontes mais destacadas com assuntos relacionados à pandemia durante 2020. Ele esteve sempre em primeiro ou segundo lugar quando as palavras-chaves utilizadas eram: "Fauci", "*mask*", "*open*" e "*social distancing*", com exceção de *tweets* entre 10 de outubro e 1 de novembro, quando a conta de Joe Biden começou a despontar utilizando a palavra "*mask*". Durante o período entre 25 de Julho e 15 de novembro, Trump era a principal fonte no Twitter quando o assunto envolviam essas palavras, enquanto que no mesmo período as infecções diárias de covid-19 saltaram de aproximadamente 65 mil para cerca de 136 mil e de 147 mil mortes para 246 mil óbitos (FUENTES, PETERSON, 2021).

### **CAPÍTULO III: OS LIMITES DO NEGACIONISMO E OS CONSTRANGIMENTOS INSTITUCIONAIS: O COMBATE À PANDEMIA EM ANO ELEITORAL**

Para aprofundarmos o debate sobre a gestão da pandemia durante a administração Trump, é interessante destacar que o próprio presidente contraiu o vírus e seu tratamento chamou atenção. Em de outubro de 2020, Donald Trump foi diagnosticado com o novo Coronavírus e encaminhado ao hospital militar Walter Reed no dia seguinte, no domingo (4), fez uma aparição pública num carro para agradecer seus apoiadores que apareceram no local<sup>19</sup>. Seu internamento foi devido a idade, então 74 anos, e obesidade, sendo, assim, uma medida de precaução. Já o tratamento foi a base de oxigênio suplementar, e dos medicamentos remdesivir, dexametasona (utilizado somente em casos graves de covid-19) e dois anticorpos experimentais. Trump- seguiu com cuidados na Casa Branca<sup>20</sup> posto que teve alta no dia 6 de outubro. Importante ressaltar que na época, mais de trinta pessoas da equipe presidencial contraíram o vírus (YOUDE, 2021).

#### **3.1 OS EMBATES EM TORNO DAS MEDIDAS NECESSÁRIAS, O POSICIONAMENTO DO GOVERNO TRUMP E A REAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA: NEGAR O INEGÁVEL**

Desde o início, o presidente defendeu que medidas de isolamento fossem adotadas apenas para os chamados grupos de risco, ou seja, para que apenas alguns indivíduos fossem isolados, garantindo a manutenção das atividades econômicas. Conforme vimos, nos debates anteriores, não demorou para que o país se tornasse o epicentro do novo Coronavírus, em parte, por estas negativas face à realidade. A estimativa do Imperial College, universidade britânica, acerca da COVID-19 era de que o número de óbitos nos E.U.A chegasse a 2,2 milhões de pessoas. Criticando o presidente, a republicana Liz Cheney (membro da Câmara dos Representantes) declarou, em março de 2020:

---

<sup>19</sup>BBC. Trump com covid-19: o que dizem médicos e críticos após alta do presidente. **BBC News Brasil**.(s.l), 6 out. 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54439668>>. Acesso em 15 jan. 2022.

<sup>20</sup>BBC. Trump com covid-19: presidente dos EUA recebeu oxigênio e usa remédio para casos graves em tratamento contra novo **coronavírus**. **BBC News Brasil**. (s.l), 3 out. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54402374>>. Acesso em 15 jan. 2022.



Não haverá economia em funcionamento normal, se nossos hospitais estiverem sobrecarregados e milhares de americanos de todas as idades, incluindo médicos e enfermeiros, estiverem morrendo porque não conseguimos fazer o que é necessário para parar o vírus (SILVA, 2020)<sup>21</sup>.

O descontentamento em relação à gestão Trump foi acompanhada por amplos setores, a pesquisa realizada no mesmo mês, pela empresa de pesquisas YouGov, revelou que 52% dos entrevistados desaprovavam Trump. Apesar do fato de se justificar o mal desempenho do país pelos antecedentes, como a crise mundial de 2008, ter se tornado a tônica do discurso trumpista. Mesmo sendo esperado, no que toca o investimento estrangeiro, uma queda entre 5 a 15% segundo relatório da UNCTAD. Acontece que esta queda reflete a menor taxa desde 2008.

Em suma, as atitudes e declarações de Donald Trump acabaram por se refletir na polarização dos eleitores estadunidenses. Segundo Silva (2020), a percepção sobre a gravidade da pandemia era maior entre os democratas que republicanos, 74% dos democratas reconheciam o vírus como ameaça real contra 40% dos republicanos. O negacionismo diante da pandemia reflete, diretamente, antagonismos políticos entre setores mais propícios a apoiar Trump e setores opostos ao presidente.

### 3.2 OS CONSTRANGIMENTOS INSTITUCIONAIS: TRUMP NÃO SE ESQUEÇA QUE VOCÊ É O PRESIDENTE DOS EUA

Em que pese, a atitude negacionista, Trump encontrou entraves e limitações às suas ações, desde o início da pandemia nos EUA. Em março de 2020, seguiu as orientações da OCDE e estimulou medidas para que a recessão econômica mundial não impactasse tanto em seu governo. Dentre estas medidas, destaca-se a aprovação de um pacote de US\$ 2,2 trilhões, o maior pacote econômico da história moderna segundo Solange Reis, para amenizar os impactos da pandemia. O *CARES Act (Coronavirus Aid, Relief and Economic Security)* alocou US\$ 560 bilhões para indivíduos, através de um cheque único de US\$1,2 mil dólares enviado para pessoas que ganhassem até US\$75 mil anualmente, com direito a 500 dólares adicionais por filho de até dezesseis anos. Para pequenas e médias empresas foi destinado US\$377 bilhões, com empréstimos facilitados e dívidas de salários, aluguel ou hipotecas perdoadas. Para grandes empresas o montante chegou a US\$500 bilhões, destinados majoritariamente a

---

<sup>21</sup>SILVA, Edna Aparecida da. TRUMP E AS PRESSÕES PARA O FIM DA QUARENTENA. OPEU. 2020. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2020/03/27/trump-e-as-pressoes-para-o-fim-da-quarentena/>. Acesso em: 16 de janeiro de 2022.

pagamentos desalários. Para a saúde, foram US\$153,3 bilhões, estes destinados a pagamentos do *Medicare*, *Medicaid* e infraestrutura da saúde. Trump também utilizou a Lei de Produção de Defesa para obrigar a General Motors a produzir respiradores hospitalares<sup>22</sup>.

Figura 7- Foto da planta onde a General Motors conjuntamente com a Ventec Life System construiu a base para produção de ventiladores em Kokomo, Indiana.



Fonte: General Motors/ New York Times. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/03/30/business/gm-ventilators-coronavirus-trump.html>>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

Em meio a este cenário controverso o governo Trump travou um verdadeiro embate com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo Menezes e Borges (2020), não bastando ter rechaçado os testes para covid-19 oferecidos pela instituição, o governo de Donald Trump não participou do programa *Access to COVID-19 Tools (Act) Accelerator*, que visa facilitar o acesso de vacinas e medicamentos em todo o mundo. Outra resolução que o país ficou de fora foi a "*International Cooperation to Ensure Global Access to Medicines, Vaccines and Medical Equipment to Face COVID-19*", ação patrocinada por 75 países. O discurso anti-globalista de Donald Trump, presidente da principal nação do mundo, afetou a cooperação internacional e a legitimidade das instituições internacionais. É fato que a OMS depende majoritariamente de contribuições voluntárias, que compõem aproximadamente 80% da renda da organização e a recusa de Trump a continuar a contribuição, sob o pretexto da organização estar voltada à China, atingiu fortemente os esforços globais, visto que o país era o principal contribuinte da organização (o país sozinho atingiu 28% da renda total da OMS no

<sup>22</sup>REIS, S. Coronavírus leva ao maior pacote econômico da história. **OPEU**. (s.l), 28 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.opecu.org.br/2020/03/28/coronavirus-leva-ao-maior-pacote-economico-da-historia/>>. Acesso em 15 jan. 2022.

biênio 2018-2019). Talvez, este tenha sido um ponto crucial para entendermos como as organizações internacionais são extremamente dependentes dos países mais ricos. O governo não só se deu ao direito de desconsiderar a organização em si, como utilizou a retirada dos recursos como instrumento de pressão, chantagem e demonstração de força e poder.

Mesmo mantendo um forte posicionamento autoritário, negacionista e em total desrespeito e consideração às organizações como a Organização Mundial da Saúde, Trump viu seu mandato afetado pela mais grave crise desde 1929.

Segundo Vidal (2020), o desemprego em abril de 2020 chegou a maior taxa desde 1948, para população acima de 16 anos, com 14,7%, sendo que para a população jovem (16 a 24 anos) a cifra aumentou para 27,4%. No período, o número de beneficiários por seguro-desemprego atingiu a cifra de 25 milhões e a taxa de crescimento salarial também caiu. Neste intermédio, ao invés de combater a crise e promover um pacto nacional contra a pandemia para garantir a futura retomada da economia, quinze por cento das declarações dadas por Trump, entre 6 e 24 de abril de 2020, foram atacando adversários políticos, como Biden, democratas, mídia, governadores estaduais e a China (Bump and Parker, 2020 apud Kellner, 2021).

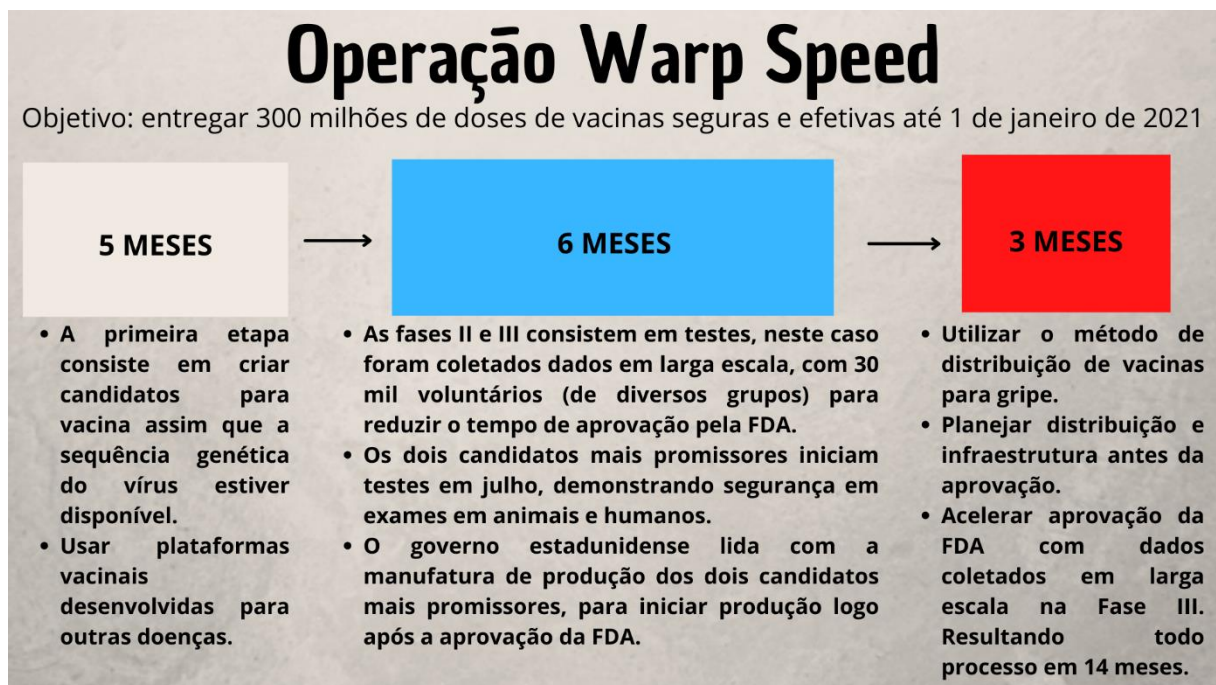
Desde final de março de 2020, os Estados Unidos atingiram posto de país mais atingido pela pandemia, em dezembro do mesmo ano ultrapassou 6 milhões de casos e mais de 300 mil mortes (com média diária superior a dois mil óbitos). Mesmo diante do agravamento do cenário doméstico, o governo Trump preferiu criar cortinas de fumaça. As principais medidas de combate à pandemia eram intervenções não-farmacêuticas, políticas públicas de distanciamento entre outras, que não tiveram grande adesão por fatores políticos e ideológicos. Sabe-se que os estados com governos republicanos e os do centro-oeste, ou seja, a base eleitoral de Trump, eram os que adotavam menos medidas restritivas, mesmo em face do aumento de casos de Covid-19 (HALE et al, 2020).

Contudo, em que pese a tentativa de manter sua posição negacionista, o governo teve que ceder, diante da realidade. Segundo Silva (2020), Donald Trump investiu massivamente, em abril de 2020, para obter uma vacina própria estadunidense, com o programa *Operation Warp Speed Vaccine Initiative* (OWS), que visava produzir 300 milhões de vacinas para população dos Estados Unidos, até janeiro de 2021. Mesmo assim, o presidente manteve algumas posições políticas inalteradas, mesmo contratando várias instituições, exceto as russas e chinesas. As instituições escolhidas, com pesquisas clínicas avançadas em vacinas contra Covid-19, foram AstraZeneca/Universidade de Oxford, Moderna, BioNtech/Pfizer/Phosun Pharma, Novavax e Johnson&Johnson. O que explica a

mudança de atitude diante da produção de vacinas foi a necessidade do presidente que visava a reeleição, dar uma resposta ao ano eleitoral que se aproximava, por isso, declarou, no encerramento da Convenção Republicana, que o país teria uma vacina até o fim do ano.

Este programa era fomentado pelas secretarias de Defesa, à cargo de Alex Azar, e de Defesa, cujo secretário era Mark Esper. Este programa de produção de vacina segundo Silva (2020), tinha como principais objetivos: "1) reduzir o tempo de cada fase envolvida na produção de uma vacina, como mostra o organograma *“Developing Vaccine”*, publicado pelo Departamento de Defesa; 2) produzir uma “vacina segura e eficaz”, terapêuticas e diagnósticos para o Sars-Cov2; e 3) obter 300 milhões de doses para os cidadãos americanos até janeiro de 2021."

Figura 8 Organograma da Operação War Speed



Fonte: U.S Department of Defense. Disponível em: <<https://media.defense.gov/2020/Aug/13/2002476369/-1/-1/0/200813-D-ZZ999-100.JPG>>. Elaborado pelo autor.

Interessante perceber que a equipe da Operação, tinha como diretor um militar, o general Gustavo Perna, comandante do Comando de Material do Exército dos EUA. Ele era o responsável por vigiar a cadeia de abastecimento global, já como consultor-chefe, Moncef Slaoui, que coordenou pesquisa de vacinas na GlaxoSmytheKline (GSK) e que era um investidor de risco. Ou seja, interesses políticos e econômicos estavam plasmados na concepção e gerenciamento do programa de produção de vacinas do governo estadunidense. Este programa consistia na seleção de empresas que receberiam investimento do governo para

desenvolvimento de vacinas:

Figura 9 Empresas contratadas e investimentos do Governo Trump em pesquisa de vacina

QUADRO 1

**Operation Warp Speed: acordos entre Estados Unidos e empresas de biotecnologia**

| Empresa                                     | Data      | Valor (US\$)   | Contrato   |
|---|-----------|----------------|--|
| AstraZeneca/Universidade de Oxford          | 21/5/2020 | 1,2 bilhão     | 300 milhões de doses para os Estados Unidos; entrega de doses em outubro, caso recebesse autorização da FDA.                                   |
| GSK/Sanofi/Pasteur                          | 10/4/2020 | 30,775 milhões | Aceleração do desenvolvimento, incluindo testes clínicos.<br>Manufatura em larga escala.   |
|   | 30/7/2020 | 2,042 milhões  |  |
| Janssen Pharmaceuticals (Johnson & Johnson) | 30/5/2020 | 450 milhões    | Financiamento da pesquisa e propriedade de 100 milhões de doses para os Estados Unidos.  |
|   | 5/8/2020  | 1 bilhão       |  |
| Moderna                                     | 16/4/2020 | 483 milhões    | Após conclusão da fase 1, recebeu indicação para <i>fast track</i> da FDA.<br>Manufatura e distribuição.                                       |
|   | 11/8/2020 | 1,5 bilhão     |  |
| Novavax                                     | 7/6/2020  | 1,6 bilhão     | 100 bilhões de doses para os Estados Unidos. Produção em larga escala nos Estados Unidos. Participa da força-tarefa de vacinas do Reino Unido. |
| Pfizer/Biontech                             | 22/7/2020 | 1,95 bilhão    | 100 milhões de doses para os Estados Unidos. Manufatura e distribuição.  |
| Regeneron                                   | 07/2/2020 | 82,368 milhões | Produção e fornecimento de coquetel de anticorpos.   |
|   | 15/6/2020 | 85,094 milhões |  |
|   | 7/7/2020  | 450 milhões    |  |

Fonte: U.S. Department of Defense. Disponível em: <<https://medicalcountermeasures.gov/app/barda/coronavirus/COVID19.aspx>>. Elaboração da autora.

Fonte: SILVA, 2021, p. 299

Esta mudança de atitude, de um presidente que se mantinha negacionista, mas que por interesses políticos e eleitoreiros se viu constrangido a tomar iniciativas, não foi capaz de gerar segurança na população. As contradições do governo, o cenário de incertezas, as notícias falsas em torno da pandemia e das vacinas tiveram um alto custo. De acordo com Silva (2020) apesar do governo de Trump ter se inclinado à produção de vacinas, a população ficou temerosa diante da possibilidade de se ter uma vacina aprovada rapidamente. Através de pesquisa do The Harris Poll, 83% dos entrevistados estavam preocupados com a segurança de uma vacina aprovada em tempo recorde. Já 54% dos entrevistados pela Kaiser Family Foundation, disseram que não tomariam uma vacina gratuita antes das eleições, contra apenas 42% que aceitariam se vacinar.

Até meados de julho de 2020, haviam mais de 3,5 milhões de casos e mais de 139 mil mortos pela doença nos Estados Unidos (MOLINA et al, 2020). Entre o início de março e 18 de maio de 2020, os quinze estados mais infectados eram responsáveis por 78% dos casos totais da nação. Isto demonstra como as cisões políticas e ideológicas que marcaram o cenário



mais severas a pandemiase Trump tivesse sido mais honesto com a gravidade da situação: “E ouvir isso e pensar no tempo que foi desperdiçado e nas vidas que foram perdidas, infelizmente, como resultado disso, é extremamente desanimador”<sup>24</sup>.

### 3.3 OS IMPACTOS SOCIAIS DA COVID-19 E AS MANIFESTAÇÕES POPULARES DE 2020

Para Noris e Gonzales (2020), a pandemia ajudou a escancarar a disparidade social no mundo. A crise sanitária global afetou outras áreas como moradia, educação, emprego e acesso a planos de saúde e a serviços de saúde. Os Estados Unidos não contam com sistema de saúde universal, e em meio a grave crise econômica e social, ao colapso ocasionado pela crise sanitária, percebemos que alguns grupos foram mais atingidos. As populações mais afetadas foram aquelas contempladas pela sigla BIPOC, que significa negros, indígenas ou pessoas de cor. A pandemia também revelou grande desigualdade de renda entre os países ricos e pobres e conjuntamente dilemas globais de saúde.

Segundo Okonkwo et al (2021) as populações marginalizadas, em maior vulnerabilidade social, foram as mais atingidas pela pandemia.

Exemplar é a situação da população carcerária estadunidense que é a maior do mundo, com mais de 2.3 milhões de prisioneiros, correspondendo a aproximadamente 25% da população carcerária mundial. Sendo também lugar em que se escancaram disparidades e se percebe nitidamente o racismo estrutural, posto que o encarceramento de afro-americanos é seis vezes superior ao de brancos em todas faixas etárias. No contexto pandêmico, 17% das prisões estavam operando com capacidade máxima ou superior. O estado de Louisiana, detentor da maior taxa de encarceramento do país, também era um dos que apresentavam mais casos de COVID-19 nos presídios. Outros surtos de Covid-19 foram registrados em presídios de Nova York, Marion, Ohio e Chicago. Isto desrespeita a Oitava Emenda, que protege detentos contra maus tratos, já que as condições eram contrárias ao defendido na Constituição. Em função disso alguns estados proibiram a superlotação prisional para barrar o contágio.

Outra questão se relaciona ao contexto migratório. Com a política de Donald Trump de endurecimento das fronteiras, houve uma apreensão de 474 mil famílias e 76 mil crianças desacompanhadas em 2019, muitos destes em busca de asilo no país. As condições dos centros de detenção temporária da imigração eram precárias, locais com superlotação o que

---

news/2020/oct/06/coronavirus-andrew-cuomo-donald-trump-pearl-harbor>. Acesso em 15 jan. 2022..

<sup>24</sup>LEBLANC, P. *New Jersey governor says he would have shut state down earlier if Trump was honest about coronavirus threat*. CNN. (s.l), 9 set. 2020. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2020/09/09/politics/phil-murphy-coronavirus-trump-woodward-cnntv/index.html>>. Acesso em 16 jan. 2022.

dificultava o cumprimento de medidas sanitárias para controlar o avanço da pandemia. Até metade de maio de 2020, 943 casos foram confirmados entre pessoas retidas pelo serviço migratório e 44 casos ocorreram entre os próprios funcionários. Estima-se que haviam mais de 56 mil pessoas buscando asilo sob a tutela do Migrant Protection Protocols Program, todas vivendo em condições sanitárias precárias (OKONKWO ET AL, 2021).

Não podemos deixar de mencionar a situação das pessoas com deficiência no país. Pessoas com deficiência também foram bastante afetadas pelo novo coronavírus, já que a deficiência permanente é uma comorbidade considerada para um possível agravamento da doença. Segundo Okonkwo et al (2021) um em cada quatro adultos tem uma deficiência funcional nos E.U.A. De acordo com um estudo conduzido em Nova York, residentes de centros especializados para pessoas com deficiência são cinco vezes mais suscetíveis de contrair o vírus. Dessa forma, verificou-se que a média de mortes por COVID-19 entre pessoas com alguma deficiência era de 2,5 vezes maior do que a média naquele estado.

Outro grupo vulnerável seria o de pessoas sem moradia fixa ou em situação de rua. Calcula-se que no país existem aproximadamente 550 mil pessoas nessa situação. Em 2020 na cidade de Nova York, de 60 mil residentes de abrigos haviam 460 casos confirmados e 27 mortos, já em Boston, 600 casos foram confirmados, aproximadamente 30% dos que foram testados (OKONKWO ET AL, 2021).

Além disso, a população nativa americana também se encontrou vulnerável com a pandemia. Caberia ao governo federal as obrigações de suprir serviços de saúde através do Indian Health Service (IHS), com uma cobertura para aproximadamente 2.6 milhões de pessoas. Segundo o IHS, em abril de 2020, haviam 985 casos de COVID-19 nas reservas indígenas, porém haviam apenas 1257 leitos de hospital e 36 unidades de terapia intensiva disponíveis. Mesmo distribuindo mais recursos aos hospitais, a política de Trump refletiu as desigualdades e a exclusão destes grupos. A ação do governo federal de distribuição de renda para hospitais, estimada em US\$30 bilhões, puniu estados com governos democratas como o de Nova York que recebeu apenas uma média de 12 mil dólares por paciente enquanto estados que apoiaram Trump em 2016, mesmo quando menos afetados pela pandemia, receberam quantias equivalentes muito maiores. O exemplo é o estado de Montana e o de Nebraska com US\$300 mil por paciente, já a Virgínia Ocidental recebeu mais de US\$470 mil por paciente (SABIN et al, 2020).

A classe trabalhadora também se viu frontalmente afetada pela crise decorrente da pandemia. Aproximadamente, cinquenta milhões de pessoas, anteriormente empregadas, preencheram fixas para compensação de desemprego depois de três meses de pandemia



(YATES, 2020). Antes do cenário pandêmico já aconteciam protestos de trabalhadores requerendo melhores condições laborais, com o advento da COVID-19 estes continuaram. Professores de Chicago e Nova York fizeram campanhas para fechamento de escolas diante dos riscos à contaminação. Sindicatos também desempenharam um importante papel, como o United Electrical, Radio and Machine Workers of America (UE) criaram plataformas on-line para que seus participantes pudessem demandar condições seguras de trabalho (YATES, 2020). Ainda cabe ressaltar que mais de 40% dos trabalhadores da linha de frente do combate à Covid-19 são negros, indígenas ou, como se referem nos EUA, pessoas de cor (*Black, Indigenos and People of Color*). Segundo o site Payday Report houveram mais de 800 paralisações entre março e julho de 2020, demandando aumento salarial, salário para condições insalubres e de risco, e melhores condições de realização do trabalho (YATES, 2020).

Profissionais da área de saúde demandaram medidas de distanciamento social e provisão de equipamento de proteção pessoal.

Em meio a pandemia, o país se viu diante de um grave acontecimento que gerou uma verdadeira ebulição. Em 26 de maio de 2020, George Floyd, um homem negro de 46 anos, foi abordado por quatro policiais brancos em Minneapolis sob a acusação de ter utilizado uma nota de vinte dólares falsificada, ele foi imobilizado e estrangulado com o joelho de Derek Chauvin, um dos policiais, no pescoço, disse que não conseguia respirar, mas não foi solto e morreu. A ação foi gravada e replicada massivamente nos meios de comunicação, o que desencadeou uma série de protestos, em plena pandemia. Apesar das orientações sobre a necessidade de distanciamento social a revolta contra o racismo e a violência policial nos Estados Unidos eclodiu no país e o movimento *Black Lives Matter* ganhou projeção e apoio internacional.

A partir de então, muitas associações, como a The American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO) deram declarações contra o racismo sistêmico. A The International Union, United Automobile, Aerospace and Agricultural Implement Workers of America (UAW), união dos trabalhadores dos setores automobilísticos e de transporte, paralisou as linhas de produção por 8 minutos e 46 segundos, tempo que Floyd foi imobilizado no chão, em homenagem à George Floyd. Trabalhadores portuários do Golfo e da costa leste paralisaram atividades no dia do funeral da vítima (YATES, 2020).

Das 315 maiores cidades dos E.U.A, 281 tiveram manifestações e protestos contra o racismo, após a morte de George Floyd. Destas, 134 relataram casos de violência. Um total de 202 cidades foram palco de protestos por três ou mais dias e 36,3% das manifestações realizadas reuniram mais de mil pessoas (DHAVAL et al, 2020).

### 3.4 AÇÃO ESTATAL, A PROXIMIDADE ELEITORAL E A VACINA

2020 era ano eleitoral presidencial nos Estados Unidos, Sullivan (2020) chama atenção para como o modelo eleitoral estadunidense não é uniforme no país pois a disposição de legislações para administração eleitoral federal está dividida entre agentes federais, estatais e locais. Deste modo, em cenário de pandemia, a responsabilidade de como proceder para garantir eleições também foi distribuída. O CDC agiu de maneira a guiar os oficiais de eleição, as equipes e os eleitores para realizarem o ato democrático de maneira segura, no nível estatal os oficiais se reuniram com autoridades da saúde pública para buscarem aconselhamento (SULLIVAN, 2020).

Adeel et al (2020) ressalta a importância dos governos sub-nacionais na liderança ao combate à pandemia nos Estados Unidos. Quando Trump declarou estado de emergência no país, em 13 de março de 2020, 64% dos estados já haviam tomado esta medida e iniciado suas políticas de resposta. Entre janeiro e abril de 2020, o número de políticas dos estados sub-nacionais, de combate a pandemia, era três vezes superior ao número de medidas federais.

O anteriormente citado CARES Act também incluía ações para a The Electoral Assistance Commission, entidade responsável por organizar o processo eleitoral, assim foram distribuídos recursos para compra de equipamentos de proteção pessoal, telas plásticas, higienizadores e outros utensílios de combate ao vírus para os Estados. Foram requeridos mais recursos porém as propostas foram recusadas no Congresso. Uma mudança na legislação permitiu que entidades privadas estivessem aptas para doações de fundos para as eleições, trazendo doadores conhecidos do público, como Arnold Schwarzenegger e Mark Zuckerberg (SULLIVAN, 2020).

O comparecimento às urnas, em meio a pandemia, foi afetado, devido às recomendações de distanciamento social. Sabe-se que nos EUA, o voto presencial exige longas filas, e, no cenário pandêmico, isto desmotivou a votação por parte dos idosos, pais, trabalhadores essenciais com pequenos intervalos em sua longa jornada laboral. Outro ponto importante, foram as críticas sistema de voto por correio, que existe desde a Guerra Civil estadunidense, sendo que o mesmo foi amplamente desencorajado e teve sua validade posta em xeque devido a supostos riscos de fraude eleitoral (NORIS e GONZALEZ, 2020).

Dezesseis estados adiaram suas eleições ou mudaram para voto por correio já nas primárias eleitorais. Ademais, muitos estados diminuíram o número de locais de votação devido

a falta de delegados, sendo Milwaukee um dos exemplos mais expressivos, por ter passado de 180 locais para apenas cinco (YOUDE, 2021).

A intenção de votos também encontrou-se mitigada, em pesquisa realizada pelo PewResearch Center, duas semanas antes da eleição, 82% dos eleitores de Biden declararam que o Coronavírus era pauta importante na escolha do voto, enquanto que do lado dos apoiadores de Trump esse número chegou a menos de um quarto dos entrevistados (YOUDE, 2021). Ou seja, a pandemia organizou o eleitorado de Trump e Biden em posições muito definidas sobre o tema.

O registro de voto foi outra pauta de grande importância na eleição presidencial daquele ano. A maior parte dos estados exige certificação para votar, isso corresponde a quarenta e nove estados. Um dos órgãos mais utilizados para a ratificação são os Departments of Motor Vehicle, departamentos de trânsito, que exigem apenas uma carteira de motorista para averiguação, sendo um dos meios mais fáceis de registro. Contudo, com a pandemia muitos dos escritórios foram fechados acarretando em uma queda no número de novos registros para as eleições. Por exemplo, em Nova Jersey foram registrados pouco mais de oito mil novos eleitores em abril de 2020 contra 29 mil de 2016 e no Arizona foram quase 32 mil contra mais de 48 mil na eleição anterior (SULLIVAN, 2020).

Para amenizar a situação, quarenta estados ofereceram auxílio on-line para registros, porém exigiam documentos próprios daquele estado, impossibilitando novos residentes ou os votos em trânsito. Ainda, dezenove estados e o Distrito de Columbia aplicaram registro automático, para indivíduos que realizavam outras operações no Department of Motor Vehicles. Além disso, vinte e um estados e o Distrito de Columbia também possibilitaram o registro no mesmo dia da votação (SULLIVAN, 2020). O resultado, apesar das declarações desencorajadoras, mais de cem milhões de pessoas votaram através dos correios ou por votos antecipados (YOUDE, 2021).

No que se refere ao caráter político eleitoral, segundo Allcott et al (2020), ao longo da pandemia, observamos respostas partidárias distintas para o combate ao covid-19. Enquanto, de um lado, líderes e mídias democratas deram mais ênfase a crise atual, representantes e mídias republicanas têm dado declarações minimizando o vírus, conforme abordado no capítulo anterior. Pessoas que se informam através de mídias de notícias que menosprezam os riscos da COVID-19 respeitam menos o distanciamento social (ASH et al. (2020); BURSZTYN et al. (2020) e SIMONOV et al. (2020) apud ALLCOTT et al. (2020). Isso nos permite compreender as diferenças cruciais de campanha dos dois principais concorrentes à cadeira presidencial na Casa Branca, Trump e Biden.

O caráter litigioso das eleições estadunidenses, como os candidatos oportunamente citam o "chamar a lei", ou seja, recorrer a brechas prescritas na legislação para garantir interesses também merece ser ressaltado. Com o cenário da COVID-19, Trump sugeriu, em julho de 2020, que um atraso nas eleições deveria ser considerado, ação incumbida ao Senado federal, casa na qual o líder republicano, Mitch McConnell, era fortemente contrário a esta manobra (SULLIVAN, 2020).

A campanha de Joe Biden focalizou em passar a mensagem da má condução da Casa Branca frente ao cenário pandêmico, por isso, em um de seus websites declarava, "Donald Trump falhou em liderar e todos os americanos estão pagando por isso com suas vidas... nós mal estamos melhor equipados hoje para lidar com a ameaça do COVID-19 do que nós estávamos oito meses atrás" (SLISCO, 2020 apud YOUDE, 2021).

Já durante o debate final, em 22 de outubro de 2020, Biden, quando questionado comolidaria com a próxima fase da pandemia, gastou seu tempo dizendo que "qualquer um que fosse responsável por este tanto de mortes não deveria permanecer como presidente dos Estados Unidos da América". Também que encorajaria o uso e produção de máscaras, investimentos em testagem rápida e produzir padrões para reabertura nacional, trabalharia em conjunto com o CDC, criação de um fundo de US\$25 bilhões para produção e distribuição de vacinas, restauração do escritório da Casa Branca responsável por monitorar ameaças globais à saúde e ação com demais governantes no nível estadual e municipal. Ainda que se eleito a população não precisaria se preocupar com os tweets<sup>25</sup>.

As estratégias de campanhas chamadas de interpessoais, importantes para captação de votos, como comícios, passeatas, foram outro ponto para distinguir a postura partidária dos candidatos. Por um lado, enquanto Trump priorizava grandes eventos com a presença massiva do público, Biden tomava mais precauções para evitar aglomerações e realizou mais eventos online (YOUDE, 2021). Bernheim et al (2020) afirmam que os dezoito comícios promovidos por Trump entre Junho e Setembro de 2020 resultaram em trinta mil casos de COVID-19 e consequentemente, em mais de setecentas mortes (SULLIVAN, 2020).

Trump tweetou uma semana antes do fim das eleições "*The Fake News media is riding covid, covid, covid, all the way to the Election. Losers!*". Em seus comícios declarava ataques a idade de Biden, a sua família e supostas fraudes financeiras, ao "vírus chinês", apelava a segunda emenda, a maior economia do mundo, ao seus esforços pelos veteranos, como as eleições por correio eram passíveis de fraude e ainda, agressões ao ex-presidente

---

<sup>25</sup>DUCHARME, J. *Here's what we know about Joe Biden's COVID-19 Plan*. **TIME**. (s.l), 30 out. 2020. Disponível em: <<https://time.com/5905502/biden-covid-19-plan/>>. Acesso em 16 jan. 2022.

democrata Barack Obama e a ex-candidata Hillary Clinton<sup>26</sup>.

Figura 11 Comício de Donald Trump em 2020



Fonte: Brendan Smialowski / New Yorker. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/letter-from-trumps-washington/donald-trumps-2020-superspreader-campaign-a-diary>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

Para Noland e Zhang (2021), até o dia da Eleição quase 9,5 milhões de casos tinham sido confirmados e 234,244 pessoas foram vítimas da COVID-19 nos Estados Unidos. Mesmo assim, o eleitorado se posicionou de modo a apoiar a realização das eleições e utilizá-la como instrumento de mudança diante da crise. O produto interno bruto de 2020 apresentou a pior taxa anual desde a Segunda Guerra Mundial (-3,5%).

Figura 12 Biden e esposa votando nas eleições presidenciais de 2020



Fonte: G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/10/28/biden-vota-nas-eleicoes-presidenciais-dos-eua.ghtml>>. Acesso em 17 de janeiro de 2022.

<sup>26</sup>GLASSER, S. *Donald Trump's 2020 superspreader campaign: a diary*. **The New Yorker**. Nova Iorque, 2 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/letter-from-trumps-washington/donald-trumps-2020-superspreader-campaign-a-diary>>. Acesso em 18 jan. 2022.

Apesar dos esforços de Trump, Biden foi eleito o novo presidente dos Estados Unidos da América, com 306 votos contra 232 do republicano. Destaque para vitória democrata no estado de Arizona, onde o partido não ganhava em eleições presidenciais desde 1996 e a campanha de Bill Clinton<sup>27</sup>.

Para concluir, segundo estudo de Noland e Zhang (2021), em um contexto sem pandemia, Donald Trump perderia no voto popular mas se reelegeria pelo Colégio Eleitoral em seis estados em que acabou perdendo, seriam eles: Arizona, Georgia, Michigan, Nevada, Pennsylvania e Wisconsin. Já em uma projeção que considerou um cenário no qual a severidade da pandemia fosse reduzida em 30%, ele ganharia nos estados de Arizona, Georgia, Pennsylvania e Wisconsin, sendo reeleito. E, finalmente, num cenário em que a pandemia fosse mitigada em apenas 20%, provavelmente haveria um empate no Colégio Eleitoral, mas Trump venceria no voto por delegações estatais na Casa dos Representantes (NOLAND, ZHANG, 2021). Em suma, o estudo comprova que a gestão da pandemia por parte do governo custou à Trump sua reeleição.

No dia 6 de janeiro de 2021 integrantes do grupo extremista e conspiracionista Qanon' invadiram o Capitólio, sede do Congresso estadunidense, enquanto os congressionistas estavam certificando a vitória de Joe Biden, o ataque resultou em cinco mortes, 140 policiais feridos e processos judiciais, sendo caracterizado como um ataque a democracia. Detalhe que a invasão ocorreu horas depois de Trump discursar para milhares aos redores da Casa Branca, dizendo que estes não deveriam aceitar uma derrota<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup>SANDOVAL, P. Biden obtém 306 votos eleitorais contra 232 de Trump nos resultados finais da eleição. **El País**. Los Angeles, 13 nov. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-13/biden-obtem-306-votos-eleitorais-contra-232-de-trump-nos-resultados-finais-da-eleicao.html>>. Acesso em 18 jan. 2022.

<sup>28</sup>DARAME, B. Invasão do Capitólio: Um ano depois, polarização continua. **DW**. (s.l), 5 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/invas%C3%A3o-do-capit%C3%B3lio-um-ano-depois-polariza%C3%A7%C3%A3o-continua/a-60335798>>. Acesso em 20 jan. 2022

Figura 13 Invasão do Capitólio



Fonte: DW Reprodução: Leah Mills/Reuteurs. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/invas%C3%A3o-do-capit%C3%B3lio-um-ano-depois- polariza%C3%A7%C3%A3o-continua/a-60335798>>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

Biden logrou tomar posse no dia 20 de janeiro de 2021 e percebemos que o país adentrou em uma outra fase da pandemia. A vacinação veio no início de 2021 (ZHANG et al, 2021), em fevereiro, duas vacinas tinham sido aprovadas no Estados Unidos, a Pfizer e a Moderna, com 95% e 94,1% de eficácia comprovada, em duas doses e tendo recebido aprovação para uso emergencial pela US Food and Drug Administration (FDA). Em março de 2021, mais de 121 milhões de doses haviam sido aplicadas no país, levando o país a ter mais de 43 milhões de pessoas com quadro vacinal completo. Isso freou o avanço da contaminação que antes, entre 12 de outubro de 2020 e 7 de março de 2021, crescia numa média de 7% de casos por semana.

Trump teve sua conta oficial excluída do Twitter, seu principal meio de comunicação com apoiadores, no dia 8 de janeiro de 2021, onde tinha mais de 89 milhões de seguidores pois: “Após uma análise cuidadosa dos tuítes recentes do @realDonaldTrump e do contexto em torno deles, suspendemos permanentemente a conta devido ao risco de mais incitação à violência”, segundo a empresa<sup>29</sup>.

Finalmente, a invasão do Capitólio levou a um segundo processo de impeachment de Donald Trump, sob a égide de incitação a insurreição ao ataque, resultando na absolvição, em 13 de fevereiro de 2021, por não atingir dois terços dos votos no Senado, alcançando 57

<sup>29</sup>G1. Twitter tira conta de Trump do ar permanentemente. **Globo**. (s.l), 8 jan. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/01/08/twitter-tira-conta-de-trump-do-ar.ghtml>>. Acesso em 20 jan. 2022.

dos 67 votos necessários no Senado, apenas 7 republicanos foram favoráveis à condenação. Figura que se destacou novamente foi a do líder republicano na casa, Mitch McConnell, que apesar de ter votado em Trump como “inocente”, declarou “Não há dúvida de que o presidente é praticamente e moralmente responsável pelos acontecimentos daquele dia”<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup>MARS, A. Senado absolve Trump em seu segundo ‘impeachment’. **El País**. Washington, 13 fev. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-02-13/senado-absolve-trump-em-seu-segundo-impeachment.html>>. Acesso em 20 jan. 2022.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar a chegada de Donald Trump, um político auto-denominado *outsider* do Partido Republicano, no mais alto cargo de poder dos Estados Unidos da América. Deste modo foi crucial analisar dados socioeconômicos da crise financeira de 2008 para entender a insatisfação da população estadunidense, que tornou possível a chegada do “*selfmade man*” à Casa Branca, como seu discurso populista afetou uma democracia já polarizada, como sua retórica negacionista dificultou o cenário pandêmico, principalmente aos mais vulneráveis, porque seu posicionamento reteve apoio e finalmente como lhe custou a reeleição.

O trabalho ao banhar-se na corrente construtivista das relações internacionais permitiu explicações no campo de análise de discurso e identidade, que abrangeu os campos de psicologia social e ideologia, considerando a importância da interdisciplinaridade que a área exige. Ao recorrer a estas fontes permitiu uma perspectiva que recorre ao nível individual, ao compreender o porquê estes (indivíduos) mantiveram apoio ao populista negacionista, demonstrando a importância da pessoa para uma área que se concentra em grande parte nas denominadas *high politics*, aquelas políticas estatais consideradas essenciais para a sobrevivência e manutenção do Estado.

Ainda, considerando o indivíduo, a monografia permite uma base de análise que pode ser aplicada em outros Estados, com a globalização em pauta, comunicação instantânea e a fácil propagação das denominadas *fake news*, o trabalho permite que o processo de entender a identificação de grupos e da auto-ilusão coletiva, conjuntamente com os fenômenos Dunning-Krueger e Rashomon, é passível de utilização onde ocorram novas ameaças democráticas.

O trabalho limita-se a explicar a chegada de uma figura a um cargo de poder, passando por dados qualitativos e quantitativos que poderiam ser aprofundados, pois muitos permitiriam uma pesquisa própria. Assim, muito do que foi utilizado pode tornar-se base para novas análises com teor econômico ou político.

A pesquisa foi feliz em compreender a transição de poder na presidência da auto-denominada “modelo democrático para o mundo” e explicar como a retórica negacionista mantém força mesmo que tenha custado milhares de vivências e experiências únicas. É necessário ainda, compreender, que apesar de Donald Trump não ocupar mais o assento da presidência deixou uma perigosa lição dos custos do negacionismo e da polarização, que causou a invasão do Capitólio, sede do Congresso estadunidense e uma das casas democráticas mais

tradicionais do mundo, fundada em 1793.

Finalmente delego aos leitores a cuidadosa tarefa de que o fenômeno não é isolado, novas pesquisas sobre ameaças democráticas podem surgir, compreendendo que o indivíduo é sim importante para as relações internacionais, demonstrando como a nossa área do conhecimento está presente no cotidiano de todos e deve ser compartilhado com o máximo de pessoas possível.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEEL, Abdul Basit *et al.* COVID-19 Policy Response and the Rise of the Sub-National Governments. **Canadian Public Policy**, [S.L.], v. 46, n. 4, p. 565-584, 1 dez. 2020. University of Toronto Press Inc. (UTPress). <http://dx.doi.org/10.3138/cpp.2020-101>.

ALLCOTT, Hunt *et al.* Polarization and public health: partisan differences in social distancing during the coronavirus pandemic. **Journal Of Public Economics**, [S.L.], v. 191, p. 1-11, nov. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpubeco.2020.104254>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0047272720301183?via%3Dihub>. Acesso em: 15 jan. 2022.

ANDERSON, Robert. What is the Rashomon Effect? In: DAVIS, Blair; ANDERSON, Robert; WALLS, Jan. **Rashomon Effects: kurosawa, rashomon and their legacies**. Nova York: Routledge, 2016. p. 1-199.

ANSON, Ian G.. Partisanship, Political Knowledge, and the Dunning-Kruger Effect. **Political Psychology**, [S.L.], v. 39, n. 5, p. 1173-1192, 2 abr. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/pops.12490>.

ATEHORTUA, Nelson; PATINO, Stella. COVID-19, a tale of two pandemics: novel coronavirus and fake news messaging. **Health Promotion International**, [S.L.], v. 36, n. 2, p. 524-534, 15 jan. 2021. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/heapro/daaa140>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33450022/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

BARTELS, Larry M.. Political Effects of the Great Recession. **The Annals Of The American Academy Of Political And Social Science**, [S.L.], v. 650, n. 1, p. 47-76, 25 set. 2013. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0002716213496054>.

CERVI, Laura. Populism, Twitter, and COVID-19: Narrative, Fantasies, and Desires. **Social Sciences**, S.I, v. 294, n. 10, p. 1-18, ago. 2021.

CHEN, Xiao; HUANG, Hanwei; JU, Jiandong; SUN, Ruoyan; ZHANG, Jialiang. Impact of vaccination on the COVID-19 pandemic in U.S. states. **Scientific Reports**, [S.L.], v. 12, n. 1, p., 28 jan. 2022. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/s41598-022-05498-z>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-022-05498-z>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CHOWELL, Gerardo. The COVID-19 pandemic in the USA: what might we expect? **The Lancet**, [s. l], v. 395, n. -, p. 1-2, abr. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30743-1/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30743-1/fulltext). Acesso em: 12 jan. 2022.

CONWAY, Lucian Gideon; MCFARLAND, James D.. Do right-wing and left-wing authoritarianism predict election outcomes?: support for obama and trump across two united states presidential elections. **Personality And Individual Differences**, [S.L.], v. 138, p. 84-87, fev. 2019. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2018.09.033>.

CRUZ, Sebastião C. Velasco e. UMA CASA DIVIDIDA: DONALD TRUMP E A TRANSFORMAÇÃO DA POLÍTICA AMERICANA. **Tempo do Mundo**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 13-44, jan. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/137>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DAUMAL, Maurie. The Economic and Political Causes of the 2008 U.S. Financial Crisis. -, Paris, v. -, n. -, p. 1-43, set. 2018. Disponível em: <https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/UNIV-PARIS8-OA/hal-03261070v1>. Acesso em: 15 out. 2021.

DAVE, Dhaval *et al.* **Black Lives Matter Protests, Social Distancing, and COVID-19**. Bonn: Iza Institute Of Labor Economics, 2020. Disponível em: <https://www.iza.org/publications/dp/13388/black-lives-matter-protests-social-distancing-and-covid-19>. Acesso em: 14 jan. 2022.

DAVIS, Mike. O grande Deus Trump e a incrível classe trabalhadora branca. **Outubro**, [s. l], v. 28, n. -, p. 101-132, abr. 2017.

DUNNING, David. The Dunning–Kruger Effect. **Advances In Experimental Social Psychology**, [S.L.], p. 247-296, 2011. Elsevier. <http://dx.doi.org/10.1016/b978-0-12-385522-0.00005-6>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/B9780123855220000056#:~:text=In%20short%2C%20those%20who%20are,to%20people%20in%20everyday%20life..> Acesso em: 05 out. 2021.

DYER, Owen. Trump claims public health warnings on covid-19 are a conspiracy against him. **Bmj**, [S.L.], p. 1-2, 6 mar. 2020. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.m941>. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/368/bmj.m941>. Acesso em: 16 jan. 2022.

FIERKE, Karin M. **Constructing International Relations: The Next Generation**. Londres: Routledge, 2001. 296 p.

FROEHLICH, Thomas J.. The role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of fake news. **Open Information Science**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 115-136, 1 jan. 2019. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/opis-2019-0009>.

FUENTES, Agustín. Social media and public perception as core aspect of public health: the cautionary case of @realdonaldtrump and covid-19. **Plos One**, Dunedin, v. -, n. -, p. 1-9, maio 2021.

GONSALVES, Gregg; YAMEY, Gavin. Political interference in public health science during covid-19. **Bmj**, [S.L.], p. 1-2, 6 out. 2020. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.m3878>. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/371/bmj.m3878/rapid-responses>. Acesso em: 16 dez. 2021.

GRIES, Peter; YAM, Paton Pak Chun. Ideology and international relations. **Current Opinion In Behavioral Sciences**, [S.L.], v. 34, p. 135-141, ago. 2020. Elsevier BV.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.cobeha.2020.03.006>.

HALE, Thomas. **Variation in US states' responses to COVID-19**. Londres: Bsg Working Papers, 2020. 19 p. Disponível em: <https://www.bsg.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-08/BSG-WP-2020-034.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2022.

JACOBSON, Gary C.. Barack Obama and the nationalization of electoral politics in 2012. **Electoral Studies**, [S.L.], v. 40, p. 471-481, dez. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.electstud.2014.09.010>.

KAKUTANI, Michiko. **A Morte da Verdade: notas sobre a mentira na era trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 272 p.

KALSNES, Bente. Fake News. **Oxford Research Encyclopedia Of Communication**, [S.L.], p. 1-21, 26 set. 2018. Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.809>.

KELLNER, Douglas. Trump, Authoritarian Populism, and COVID-19 from a US Perspective. **Cultural Politics**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 28-36, 1 mar. 2021. Duke University Press. <http://dx.doi.org/10.1215/17432197-8797487>. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/cultural-politics/article-abstract/17/1/28/172815/Trump-Authoritarian-Populism-and-COVID-19-from-a>. Acesso em: 15 jan. 2022.

KELLY, Stephanie *et al.* Parasocial Relationships With President Trump as a Predictor of COVID-19 Information Seeking. **Frontiers In Communication**, [S.L.], v. 5, n. -, p. 1-11, 24 nov. 2020. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fcomm.2020.596663>.

LEE, Dr Monica M. Covid-19: agnotology, inequality, and leadership. **Human Resource Development International**, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 333-346, 26 jun. 2020. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13678868.2020.1779544>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13678868.2020.1779544>. Acesso em: 25 nov. 2021.

LEVITSKY, Steven. **Como as democracias morrem?** Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 272 p. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-como-as-democracias-morrem-steve-levitsky-em-epub-mobi-e-pdf-ou-ler-online/>. Acesso em: 10 set. 2020.

LI, Yixin; ZHANG, Renyi; ZHAO, Jiayun; MOLINA, Mario J.. Understanding transmission and intervention for the COVID-19 pandemic in the United States. **Science Of The Total Environment**, [S.L.], v. 748, p. 141560, dez. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.141560>.

MAGNOTTA, Fernanda Petená. O papel do Congresso dos EUA na formulação de política externa do Governo Obama / The role of the U.S. Congress in the formulation of Obama's Foreign Policy. **Brazilian Journal Of International Relations**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 120-145, 24 abr. 2014. Faculdade de Filosofia e Ciências. <http://dx.doi.org/10.36311/2237-7743.2014.v3n1.p120-145>.

MARIANO, Karina Lilia Pasquariello. **ESCOLHA PRESIDENCIAL NOS EUA: COLÉGIO ELEITORAL X VOTO POPULAR?** 2019. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2019/07/04/escolha-presidencial-nos-eua-colegio-eleitoral-x-voto-popular/>.

Acesso em: 15 out. 2021.

MORAES, Reginaldo C.. THE RESISTABLE RISE OF DONALD TRUMP. **Tempo do Mundo**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 303-315, jan. 2019. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9825/1/Tempo%20do%20Mundo\\_v5\\_n1\\_the\\_r%20resistable.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9825/1/Tempo%20do%20Mundo_v5_n1_the_r%20resistable.pdf). Acesso em: 15 nov. 2021.

MOTTA, Matthew; CALLAGHAN, Timothy; SYLVESTER, Steven. Knowing less but presuming more: dunning-kruger effects and the endorsement of anti-vaccine policy attitudes. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 211, p. 274-281, ago. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.06.032>.

NIBURSKI, Kacper; NIBURSKI, Oskar. Impact of Trump's Promotion of Unproven COVID-19 Treatments on Social Media and Subsequent Internet Trends: observational study. **Journal Of Medical Internet Research**, [S.L.], v. 22, n. 11, p. 1-8, 20 nov. 2020. JMIR Publications Inc.. <http://dx.doi.org/10.2196/20044>. Disponível em: <https://www.jmir.org/2020/11/e20044/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

NOLAND, Marcus. **COVID-19 and the 2020 US Presidential Election: did the pandemic cost donald trump reelection?**. Washington: Ssrn, 2021. 21 p. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3807255](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3807255). Acesso em: 10 jan. 2022.

NORRIS, Keith; GONZALEZ, Cynthia. COVID-19, health disparities and the US election. **Eclinicalmedicine**, [S.L.], v. 28, p. 100617, nov. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.eclinm.2020.100617>. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2589537020303618>. Acesso em: 05 jan. 2022.

OKONKWO, Nneoma e *et al.* **COVID-19 and the US response: accelerating health inequities**. 2021. Disponível em: <https://ebm.bmj.com/content/26/4/176.abstract>. Acesso em: 16 nov. 2021.

ONUF, Nicholas. Parsing Personal Identity: Self, Other, Agent. In: DEBRIX, François. **LANGUAGE, AGENCY, AND POLITICS IN A CONSTRUCTED WORLD**. Londres: Routledge, 2003. p. 1-304.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Barack Obama e o Desafio da Liderança. **Meridiano**, [s. l.], v. 47, n. 114, p. 18-20, jan. 2010.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Cem Dias sem Bush: o Partido Republicano, o Governo Obama e o Futuro. **Meridiano**, [s. l.], v. 47, n. 106, p. 11-14, maio 2009. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA204036129&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=15181219&p=AONE&sw=w&userGroupName=anon%7E314ef8b7>. Acesso em: 09 set. 2021.

PERSILY, Nathaniel. The 2016 U.S. Election: Can Democracy Survive the Internet? **Journal Of Democracy**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 63-76, abr. 2017.

PETTIGREW, Thomas F.. Social psychological perspectives on Trump supporters. **Journal Of Social And Political Psychology**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 107-116, 2 mar. 2017. Leibniz Institute for Psychology (ZPID). <http://dx.doi.org/10.5964/jspp.v5i1.750>.

PRADO, Luiz Carlos Delorme. A Grande Depressão e a Grande Recessão: Uma comparação das crises de 1929 e 2008 nos EUA. **Econômica**, Niterói, v. 13, n. 2, p. 9-44, dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34830/20086>. Acesso em: 13 nov. 2021.

PULLAN, Samuel; DEY, Mrinalini. Vaccine hesitancy and anti-vaccination in the time of COVID-19: a google trends analysis. **Vaccine**, [S.L.], v. 39, n. 14, p. 1877-1881, abr. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.vaccine.2021.03.019>.

PUTNAM, Robert D.. DIPLOMACIA E POLÍTICA DOMÉSTICA: a lógica dos jogos de dois níveis. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 147-174, jun. 2010.

ROCHA, Elizabete Sanches. **ANÁLISE DE DISCURSO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**. 2017.

Disponível em:

[http://www.abri.org.br/anais/3\\_Encontro\\_Nacional\\_ABRI/Teoria\\_das\\_Relacoes\\_Internacionais/TRIS%209\\_Julia%20Faria%20Camargo%20AN+%FCLISE%20DE%20DISCURSO%20E%20RELA+%E7+%F2ES%20INTERNACIONAIS%20CONSIDERA+%E7+%F2ES.pdf](http://www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Teoria_das_Relacoes_Internacionais/TRIS%209_Julia%20Faria%20Camargo%20AN+%FCLISE%20DE%20DISCURSO%20E%20RELA+%E7+%F2ES%20INTERNACIONAIS%20CONSIDERA+%E7+%F2ES.pdf).

Acesso em: 11 out. 2021

RUTLEDGE, Paul E.. Trump, COVID-19, and the War on Expertise. **The American Review Of Public Administration**, [S.L.], v. 50, n. 6-7, p. 505-511, 15 jul. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0275074020941683>.

SANAHUJA, José Antonio. Crisis de la globalización, el regionalismo y el orden liberal: el ascenso mundial del nacionalismo y la extrema derecha. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, [S.L.], p. 59-94, 1 jul. 2019. Revista Uruguaya de Ciencia Política. <http://dx.doi.org/10.26851/rucp.28.1.3>.

SILVA, Edna Aparecida da. **CORRIDA DE TRUMP POR VACINA COLOCA OPERATION WARP SPEED ENTRE FDA, INVESTIDORES E OPINIÃO PÚBLICA**. 2020. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2020/10/15/corrida-de-trump-por-vacina-coloca-operation-warp-speed-entre-fda-investidores-e-opinioao-publica/>. Acesso em: 23 nov. 2021.

SILVA, Edna Aparecida da. **TRUMP E AS PRESSÕES PARA O FIM DA QUARENTENA**. 2020. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2020/03/27/trump-e-as-pressoes-para-o-fim-da-quarentena/>. Último acesso em: 16 de janeiro de 2022.

STERN, Donnel B.. Constructivism in the Age of Trump: Truth, Lies, and Knowing the Difference. **Psychoanalytic Dialogues**, Londres, v. 29, n. 2, p. 189-196, maio 2019.

SULLIVAN, Kate. **Impact of COVID-19 on the 2020 US presidential election**. Estocolmo: International Institute For Democracy And Electoral Assistance, 2020. 29 p. Disponível em: <https://www.idea.int/sites/default/files/impact-of-covid-19-on-the-2020-us-presidential-election.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TANNE, Janice Hopkins. Covid-19: trump is criticised for again promoting unorthodox medical information. **Bmj**, [S.L.], p. 1-2, 30 jul. 2020. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.m3046>.

VIDAL, Camila Feix. **COVID-19 E EUA: AS INSUFICIÊNCIAS DO MODELO ECONÔMICO ESTADUNIDENSE NO COMBATE À PANDEMIA**. 2020. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2020/08/21/covid-19-e-eua-as-insuficiencias-do-modelo-economico-estadunidense-no-combate-a-pandemia/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

WENDT, Alexander. A ANARQUIA É O QUE OS ESTADOS FAZEM DELA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA POLÍTICA DE PODER. **Monções**, [s. l], v. 2, n. 3, p. 420-473, jun. 2013.

WENDT, Alexander. Constructing International Politics. **International Security**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 71, 1995. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/2539217>.

YAMEY, Gavin; GONSALVES, Gregg. Donald Trump: a political determinant of covid-19. **Bmj**, [S.L.], p. 1-2, 24 abr. 2020. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.m1643>. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/369/bmj.m1643/rapid-responses>. Acesso em: 16 jan. 2022.

YATES, Michael D.. COVID-19, Economic Depression, and the Black Lives Matter Protests. **Monthly Review**, [S.L.], p. 14-33, 1 set. 2020. Monthly Review Foundation. [http://dx.doi.org/10.14452/mr-072-04-2020-08\\_2](http://dx.doi.org/10.14452/mr-072-04-2020-08_2). Disponível em: [https://www.academia.edu/44739104/COVID\\_19\\_Economic\\_Depression\\_and\\_the\\_Black\\_Lives\\_Matter\\_Protests\\_Will\\_the\\_Triple\\_Crisis\\_Bring\\_a\\_Working\\_Class\\_Revolt\\_in\\_the\\_United\\_States](https://www.academia.edu/44739104/COVID_19_Economic_Depression_and_the_Black_Lives_Matter_Protests_Will_the_Triple_Crisis_Bring_a_Working_Class_Revolt_in_the_United_States). Acesso em: 12 jan. 2022.

YOUDE, Jeremy. America's pandemic election. **Australian Journal Of International Affairs**, [S.L.], v. 75, n. 2, p. 121-128, 21 jan. 2021. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10357718.2021.1875985>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10357718.2021.1875985>. Acesso em: 11 jan. 2022.